



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE
RECURSOS NATURAIS E DESENVOLVIMENTO
LOCAL NA AMAZÔNIA



O ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE REMÉDIOS ARTESANAIS, A RELAÇÃO
DAS ERVEIRAS COM ELE E SEU MELHORAMENTO: Uma experiência do
Grupo “Erva Vida”.

ANA CÉLIA PENAFORTE CARDOSO

BELÉM
2020

O ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE REMÉDIOS ARTESANAIS, A RELAÇÃO
DAS ERVEIRAS COM ELE E SEU MELHORAMENTO: Uma experiência do
Grupo “Erva Vida”.

ANA CÉLIA PENAFORTE CARDOSO

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia do Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará (PPGEDAM/NUMA/UFPa) para obtenção do Título de Mestre.

Orientador: Prof.Tit.Dr. Wagner Luiz Ramos Barbosa

Coorientador: Prof. Dr. Ronaldo Lopes Rodrigues Mendes

BELÉM
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C268e Cardoso, Ana Célia Penaforte.
O ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE REMÉDIOS
ARTESANAIS, A RELAÇÃO DAS ERVEIRAS COM ELE E
SEU MELHORAMENTO: : Uma experiência do Grupo “Erva
Vida” / Ana Célia Penaforte Cardoso. — 2020.
97 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Wagner Luiz Ramos Barbosa
Coorientador(a): Prof. Dr. Ronaldo Lopes Rodrigues Mendes
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo
do Meio Ambiente, Programa de Pós-Graduação em Gestão de
Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia, Belém,
2020.

1. Mulheres. 2. Projeto arquitetônico. 3. Desenvolvimento
local. 4. Plantas medicinais. 5. Amazônia. I. Título.

CDD 338.17388

ANA CÉLIA PENAFORTE CARDOSO

O ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE REMÉDIOS ARTESANAIS, A RELAÇÃO
DAS ERVEIRAS COM ELE E SEU MELHORAMENTO: Uma experiência do
Grupo “Erva Vida”.

Dissertação apresentada para o Programa de
Pós-Graduação em Gestão de Recursos
Naturais e Desenvolvimento Local na
Amazônia do Núcleo de Meio Ambiente da
Universidade Federal do Pará
(PPGEDAM/NUMA/UFPA) para obtenção do
Título de Mestre.

Orientador: Prof. Tit. Dr. Wagner L R Barbosa
Coorientador: Prof. Dr. Ronaldo L R Mendes

Defendida e aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Tit. Dr. Wagner Luiz Ramos Barbosa
PPGEDAM-Orientador
Doutor em Ciências Naturais
Universidade Federal do Pará - UFPA

Prof. Tit. Dr. Luís Otávio do Canto Lopes
PPGEDAM
Doutor em Desenvolvimento Rural
Universidade Federal do Pará - UFPA

Prof. Dr. Edmilson Brito Rodrigues
Doutor em Geografia (Geografia Humana)
Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me sustentado durante a realização deste trabalho e por seu amor incondicional, base de perseverança para eu não desistir de minhas convicções.

Agradeço à meus familiares, meus pais, o seu Gaia e dona Salustriana exemplo de superação, amor e luta, que sempre motivaram minha formação; à meus filhos Lucas e Lanna fonte de minha inspiração amor e dedicação; às minhas irmãs mulheres guerreiras, exemplo de amor e união, especialmente, à minha irmã Shirley que me amparou e me ajudou no decorrer deste trabalho.

Agradeço ao meu amigo Jefferson pelo incentivo e apoio em todos os momentos.

Agradeço aos meus professores do PPGEDAM/NUMA, pelo compartilhamento de seus conhecimentos e experiências acadêmicas, particularmente, ao meu orientador professor Dr. Wagner Barbosa que me apresentou uma nova perspectiva de pesquisa científica atravessada pelos saberes comunitários sobre as plantas medicinais.

Agradeço às Mulheres Erveiras do Grupo “Erva Vida” que carinhosamente contribuíram com seus saberes, histórias e experiências de vida para a concepção deste trabalho.

Agradeço aos professores Otávio do Canto e Edmilson Rodrigues, pela disponibilidade em contribuir generosamente com suas experiências e conhecimentos desta pesquisa.

E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a finalização deste estudo, Marilete, Matheus e Marlon.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de adaptação arquitetônica para o Espaço “Erva Vida”, sito no Bairro do Sossego em Marapanim, Pará, local onde se produzem remédios fitoterápicos artesanais. A proposta visa melhorar as instalações prediais, a organização e a sistematização das atividades de manipulação, com a finalidade de obter remédios artesanais de melhor qualidade desde o preparo dos insumos até o produto final e comercialização. O trabalho foi desenvolvido entre 2018 a 2020, com base na pesquisa de campo, quando foram realizadas rodas de conversas, registros fotográficos e medições dos espaços construídos, e procurou ouvir e considerar a opinião, e observar as necessidades das mulheres erveiras que produzem os remédios artesanais. Neste percurso, foram coletados relatos e histórias de vida, que possibilitaram a inserção dentro do universo que compõe o trabalho dessas mulheres, e assim, se pôde compreender melhor a cadeia de produção dos remédios e a relação que as mulheres erveiras estabelecem com a casa, assim como, o significativo papel do grupo para o trabalho e para vida delas, que usam dos saberes ancestrais para a realização de suas fórmulas. Seguindo o percurso metodológico definido, se analisou a bibliografia e a documentação sobre a Política de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, instituída pela Resolução da Diretoria Colegiada nº 13/2013 – ANVISA/MS, e o respectivo Programa. Esses documentos dispõem diretrizes e critérios para preparar fitoterápicos, se observando as Boas Práticas de Fabricação de Produtos Tradicionais Fitoterápicos, reguladas pela RDC nº 301/2019, que foi alterada pela RDC nº 388/2020. A perspectiva teórica da pesquisa se baseou nas reflexões de Buarque (2008), Vasconcellos (2013) e Diegues (1996), que discutem o desenvolvimento comunitário e o desenvolvimento local, com informações históricas sobre as boticas antigas, desenvolvidas por Edler (2006). A discussão no âmbito da arquitetura se baseou nas reflexões de Bestetti (2014), sobre o conceito de ambiência e Yi-fu Tuan (2013), que conceitua espaço e lugar. Por fim se elaborou um projeto de adaptação arquitetônica para o Espaço “Erva Vida”, um prédio construído há vinte três (23) anos, sofrendo raras reformas neste período. O projeto de adaptação arquitetônica previu, portanto, melhorias no espaço de produção, que engloba o laboratório, a sala de secagem de ervas e a sala de manipulação. Este trabalho busca contribuir para discussões e reflexões sobre arquitetura e as atividades desenvolvidas pelo Grupo “Erva vida” como forma de resistência, de independência financeira e de desenvolvimento local.

Palavras-chave: Mulheres; Projeto arquitetônico; Desenvolvimento local; Plantas medicinais; Amazônia.

ABSTRACT

This work presents an architectural proposal for the adaptation of the “Erva Vida” Space, located in the Bairro do Sossego in Marapanim, Pará, where handmade herbal remedies are produced. The proposal aims to improve building facilities, the organization and systematization of handling activities, with the aim of obtaining handmade phytomedicines with better quality, from the preparation of the ingredients to the final product, and commercialization. The work was developed between 2018 and 2020, based on field research, when conversations, photographic records and measurements of the built spaces were performed, and sought to listen and consider the opinion, and observe the needs of the herbalist women who produce the handmade medicines. Along this path, tales and life stories were collected, which enabled the insertion into the universe that makes up the work of these women, and thus, it was possible to better understand the productive chain of handmade phytomedicines and the relationship that herbalist women establish with the house, as well as the significant role of the group for their work and for their lives, which use ancestral knowledge to carry out their work. Following the defined methodological path, the bibliography and documentation on the Policy on Medicinal Plants and Phytotherapies, established by Resolution of the Collegiate Board nº 13/2013 - ANVISA / MS, and the respective Program were analyzed. These documents provide guidelines and criteria for preparing herbal medicines, observing the Good Manufacturing Practices for Traditional Herbal Products, regulated by RDC nº 301/2019, which was changed by RDC nº 388/2020. The theoretical perspective of the research was based on the reflections of Buarque (2008), Vasconcellos (2013) and Diegues (1996), who discuss community development and local development, with historical information on the ancient botanicals, developed by Edler (2006). The discussion in the scope of architecture was based on the reflections of Bestetti (2014), on the concept of ambience and Yi-fu Tuan (2013), which conceptualizes space and place. Finally, an architectural adaptation project was developed for the “Erva Vida” Space, a building built twenty-three (23) years ago, undergoing rare renovations in this period. The proposed architectural adaptation project therefore provided improvements in the production space, which includes the laboratory, the herb drying and the manipulation rooms. This work seeks to contribute for discussions and reflections on architecture and the activities developed by the “Erva vida” Group as a form of cultural resistance, financial independence, and local development.

Keywords: Women; Local Knowledge, Medicinal Plants; Amazon; Architectural project.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Objetivos da ODS referenciados no presente trabalho.....	20
Figura 02	Localização do Espaço “Erva Vida “.....	28
Figura 03	Mulheres do “Erva Vida”.....	37
Figura 04	Componentes do “Erva Vida”.....	37
Figura 05	Planta Medicinal “jucá”.....	38
Figura 06	Planta Medicinal “Pau de verônica”.....	39
Figura 07	Materiais e câmara de ervas.....	51
Figura 08	Célula de drogas.....	51
Figura 09	Farmácia do Mosteiro franciscano de Dubrovnik 1317, Croácia.....	52
Figura 10	Farmácia dos Séculos XIX e XX, França.....	52
Figura 11	Frente do Espaço “Erva Vida “.....	58
Figura 12	Mureta, alambrado e portão	58
Figura 13	Rua de acesso do Espaço “Erva Vida”.....	59
Figura 14	Sala de recepção dos visitantes (andar térreo).....	60
Figura 15	Entrada da loja de remédios e artesanatos (andar térreo).....	60
Figura 16	Loja de remédios e artesanatos (andar térreo) – A.....	61
Figura 17	Loja de remédios e artesanatos (andar térreo) – B.....	61
Figura 18	Escada de Acesso ao andar superior – A.....	62
Figura 19	Escada de Acesso ao andar superior – B.....	62
Figura 20	Porta de acesso à sala de produção dos remédios artesanais.....	63
Figura 21	Sala de preparo das plantas medicinais: separação, cozimento, lavagem e embalagem dos remédios – A.....	63

Figura 22	Sala de preparo das plantas medicinais: separação, cozimento, lavagem e embalagem dos remédios – B.....	64
Figura 23	Laboratório – A.....	64
Figura 24	Laboratório – B.....	65
Figura 25	Sala de armazenamento de ervas e arquivo de documentos A	65
Figura 26	Sala de armazenamento de ervas e arquivo de documentos B	66
Figura 27	Área externa – Horto medicinal – A	67
Figura 28	Área externa – Horto medicinal – B	67
Figura 29	Área externa – lavagem de plantas e vidrarias	68
Figura 30	Área externa – Horto e fundos do terreno do Espaço “Erva Vida”	68
Figura 31	Espaço para reuniões	69
Figura 32	Levantamento da área do Espaço “Erva Vida” / Fundo Amazônia	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Perfil das integrantes do grupo “Erva Vida”	35
Quadro 02	Atualização do perfil das integrantes do grupo “Erva Vida”	36
Quadro 03	Apresentação dos remédios comercializados pelo grupo “Erva Vida”.	47
Quadro 04	Apresentação da composição dos remédios	48
Quadro 05	Orientações para adaptação do Espaço “Erva Vida”	55

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABPM	Associação Beneficente dos Pescadores de Marudá
ASBEA	Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura
AMAPEM	Associação de Mulheres da Área Pesqueira de Marudá
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento
BPF	Boas Práticas de Fabricação
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DML	Depósito de Material de Limpeza
GEPLAM	Grupo de Pesquisa de Plantas Medicinais
GRUMEVI	Grupo de Mulheres Erva Vida
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICS	Instituto Clima e Sociedade
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
IFPA	Instituto Federal do Pará
LAEF	Laboratório de Etnofarmacologia
LARC	Laboratório de Análise e Representação Cartográfica
MS	Ministério da Saúde
NUMA	Núcleo de Meio Ambiente
NBR	Norma Técnica Brasileira
ODS	Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial de Saúde
PNPIC	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
PNE	Portador de Necessidades Especiais

PNPMF	Política e Programa Nacional de Plantas Medicinias e Fitoterápicos
PVC	Policloreto de Vinila
RDC	Resolução de Diretoria Colegiada
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	15
1.1.	Justificativa	17
1.1.1	Relação da pesquisa com a Agenda 2030	18
1.2	Questão da Pesquisa	20
1.3	Objetivos	22
1.3.1	Objetivo Geral	22
1.3.2	Objetivos Específicos	22
1.4.	Objeto da Pesquisa	23
1.5	Hipótese	23
1.6	Procedimentos Metodológicos	23
1.6.1	Instrumentos de estudo, de análise e o projeto arquitetônico.	26
1.6.2	Área da pesquisa	27
2.	DISCUSSÃO TEÓRICA E DISCUSSÃO LEGAL	28
2.1	MULHERES PESCADORAS-ERVEIRAS: Um Grupo Consolidado, do Saber Ancestral à Emancipação.	28
2.1.1.	Rodas de conversa e o cotidiano das mulheres erveiras no Espaço “Erva Vida”	36
2.1.2.	O Espaço “Erva Vida”: lugar de trabalho e de interação entre as erveiras.	39
2.1.3.	Sobre o processo de produção de remédios artesanais realizados pelo “Erva Vida”: breve relato.	42

2.2.	Aspectos históricos sobre as boticas no uso de plantas medicinais	48
2.3.	A legislação brasileira sobre plantas medicinais	52
3.0.	DESCRIÇÕES PRELIMINAR ES E ANÁLISES DE DADOS	57
3.1	Análise e diagnóstico dos ambientes	57
	CONSIDERAÇÕES	71
	REFERÊNCIAS	74
	APÊNDICE A - MEMORIAL DESCRITIVO E JUSTIFICATIVO	80
	APÊNDICE B – PROJETO ARQUITETÔNICO DE ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO “ERVA VIDA”	89

1. INTRODUÇÃO

O grupo de pesquisa do Laboratório de Etnofarmácia e o Programa de Pós Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia da Universidade Federal do Pará - LAEF/PPGEDAM/UFPa desenvolve há 10 anos projetos de pesquisa-ação sobre as atividades e os remédios artesanais preparados pelas mulheres erveiras de Marudá/Pa, os quais se inserem no arcabouço de políticas públicas e instrumentos de gestão da fitoterapia, num arranjo de agentes sociais envolvendo a comunidade local, organizada, a gestão pública município e a academia (UFPa).

O presente trabalho se insere nas linhas de pesquisa do PPGEDAM no sentido de propor adaptações ao espaço físico para a produção de remédios artesanais, utilizado pelo Grupo de Mulheres “Erva Vida”, localizado em Marudá, Marapanim-Pa. A presente pesquisa teve, portanto, como principal objetivo conhecer as características do espaço de convivência das erveiras e de produção de remédios artesanais, visando contribuir para melhoria no bem estar durante o trabalho e qualidade aos remédios preparados. A proposta buscou atender às boas práticas quanto à manipulação e armazenamento dos produtos resultantes da fabricação de remédios artesanais, realizados neste espaço. O estudo sugeriu, portanto, adequações ao espaço físico, já disposto por estas mulheres, com vistas a melhor obtenção de produtos com qualidade e segurança, bem como a potencialização das atividades de manipulação, contribuindo para o processo de desenvolvimento local.

Para este estudo adotou-se a leitura de Vasconcellos, 2013; Buarque, 2008; Diegues, 1999, pensadores da área do Desenvolvimento, que ajudaram a pensar como ocorre “Desenvolvimento comunitário e desenvolvimento local”. E em um exercício de reflexão teórica, far-se-á aproximações com a experiência coletiva, vivenciada pelo Grupo “Erva Vida”, há vinte e três (23) anos. Os estudos das Boticas e Pharmacias de Edller (2006), proporcionaram adentrar e a conhecer aspectos históricos das antigas boticas no uso e aproveitamento das plantas medicinais. As reflexões partindo de conceitos do campo da arquitetura propiciaram pensar os ambientes de forma humanizada com respeito à identidade das mulheres que trabalham no Espaço “Erva Vida”. As leituras basearam-se nas reflexões sobre a ambiência, Bestetti (2014) e sobre espaço e lugar, Yi-fu Tuan (2013).

O PPGEDAM é um programa voltado a pesquisas na área da Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local. Ao longo dos anos tem gerado diversas pesquisas relevantes para a região amazônica nestas áreas do conhecimento, que visam o desenvolvimento sustentável e o

desenvolvimento da região, neste contexto o Programa já facilitou a produção de pesquisas também junto ao Grupo “Erva Vida”, trabalhos que são significativos ao presente estudo em diferentes aspectos que contribuíram no entendimento sobre a importância da fitoterapia no município de Marapanim/Pa a partir do uso de plantas medicinais. Estes trabalhos auxiliaram também a pensar nas melhorias para o espaço físico onde as mulheres do grupo fabricam os remédios artesanais.

Dentre os trabalhos desenvolvidos, no PPGEDAM buscou-se informações nas pesquisas que abordam a temática sobre uso e aproveitamento de plantas medicinais e desenvolvimento local, no município de Marapanim/Pa os quais consideraram o locus de suas pesquisas o Grupo de mulheres do “Erva Vida” do Distrito de Marudá/ Marapanim/Pa. (MONTEIRO, 2011; SILVA, 2013; FLOR, 2014; SANTOS, 2015; BASTOS, 2016; PINHEIRO, 2018). E o trabalho de SANTOS (2015) que estudou a temática no município de Marapanim/Pa como locus de sua pesquisa.

Destas pesquisas elencou-se o trabalho de Maurícia Melo Monteiro, dissertação de mestrado, defendida em 2011. Que discute as relações de gênero no âmbito das mulheres erveiras. A autora publicou sua pesquisa pela editora CRV em 2012. Encontrou-se também a pesquisa de Cleber Gomes da Silva, 2013, que falou sobre as estratégias para o processo de desenvolvimento local sustentável. Nesta cronologia de trabalhos, destaca-se ainda a dissertação de Alessandra Simone Santos de Oliveira Flor, defendida no programa em 2014, que discute em linhas gerais o conhecimento da fitoterapia popular marudaense. Destaca-se também a pesquisa de Roque Flor dos Santos Júnior, 2015, que fala sobre a atenção básica terapêutica à saúde no município de Marapanim. Além do trabalho de Marcia Sueli Castelo Branco Bastos, 2016, que falou sobre as possibilidades dos processos de organização, empreendedorismo, e a divulgação do conhecimento popular relacionado ao cultivo e produção e comercialização de remédio caseiro.

Ressalta-se a dissertação de Ailton Castro Pinheiro, defendida em 2018, que discutiu sobre Diretrizes para a Criação e um Arranjo Produtivo Local e Plantas Medicinais e Fitoterápicos em Marapanim-Pa. Para maiores informações consultar o site do PPGEDAM¹.

A presente dissertação está dividida em três (03) partes, além da introdução, das considerações e apêndices (memorial descritivo e projeto arquitetônico de adaptação do Espaço “Erva Vida”): Na primeira parte apresenta-se a justificativa da pesquisa, na qual se destaca a

¹ Disponível em: <http://repositofpa.br/jspui/handle/2011/10269>

relevância do estudo. Apresenta-se também, neste ítem, a problemática da pesquisa, assim como os objetivos do projeto, os procedimentos metodológicos e a apresentação da área de estudo. Na segunda parte do texto, mostra-se a discussão teórica e discussão legal, que envolve os usos e aproveitamento de plantas medicinais. Na terceira parte do texto, realizou-se a descrição e análise dos dados. E a apresentação da proposta de adequação arquitetônica do Espaço “Erva Vida”.

1.1. Justificativa

“O Brasil é considerado o país que possui maior diversidade genética vegetal e a floresta amazônica, guarda em si um número significativo de espécies da flora com propriedades medicinais”. (MONTEIRO, SOUZA e BARBOSA, 2012 p. 29). Este estudo parte destas premissas e intenciona contribuir com as pesquisas e discussões que já foram realizadas no PPGEDAM, especialmente porque o programa visa melhorias de vida tanto no sentido ambiental como econômico das populações envolvidas. A presente pesquisa tem como base a experiência com mulheres, que utilizam seus saberes ancestrais com plantas. Atividades que se inserem nos levantamentos do historiador Flávio Coelho Edller (2006) ao pensar a formação da história brasileira. Apesar de suas análises não se referem especificamente às erveiras do Grupo “Erva vida”, seus estudos nos possibilitaram entender os processos históricos que atravessam os fazeres dessas mulheres e suas identidades entre os diferentes grupos étnicos brasileiros. O autor afirma que: “diversos grupos étnicos e culturais, pertencentes a diferentes extratos sociais se orientam para a arte da cura” (EDLLER, 2006 p.08) .

As mulheres do Grupo “Erva Vida” são moradoras da região do salgado no estado do Pará, trazem a experiência adquirida com a natureza para o seu dia-a-dia como produtoras de remédios artesanais. As investigações dos pesquisadores Armando Eduardo de Souza e Wagner Luiz Ramos (2016), nos ajudam a compreender a relação dessas mulheres com sua história e com o meio ambiente em que vivem, transformando-os em produtos medicinais aplicáveis aos cuidados com a saúde. Em outras palavras, pode-se dizer que os saberes adquiridos ao longo de uma vida, a partir do contato com a natureza podem ser aproveitados e ressignificados. Desta forma entende-se que “A cultura dos povos da Amazônia, principalmente os que habitam as florestas e as margens dos rios, está intimamente ligada aos usos e aproveitamento dos recursos naturais.” (BARBOSA; SOUZA, 2016 p. 59).

As plantas medicinais são recursos naturais importantes para o processo curativo e para o tratamento de enfermidades das pessoas. Podendo ser utilizadas como alternativas no desenvolvimento econômico e da qualidade de vida da sociedade. “Seu uso é baseado no

conhecimento tradicional e popular e faz parte das práticas culturais de muitas famílias que habitam a Amazônia. Além disso, a produção de remédios caseiros a partir do conhecimento tradicional é uma opção de renda para muitas famílias da região” (PINHEIRO, 2018, p. 12 apud MONTEIRO; BARBOSA, 2012).

A produção de remédios artesanais, entretanto, requer cuidados na questão da higiene e sanitização dos locais onde são produzidos, como orienta a Agência Nacional de Vigilância Sanitária/ANVISA/MS por meio da Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) aprovada pelo Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006. Esta política reconhece a importância do uso de plantas medicinais pela população brasileira e a prática da fitoterapia como terapia complementar nas Unidades Básicas de Saúde, (UBS). Esta política possui 17 diretrizes, dentre elas, destaca-se a Diretriz nº 11 que busca: Promover a adoção de boas práticas de cultivo e manipulação de plantas medicinais e de manipulação e produção de fitoterápicos, segundo legislação específica.

Os fatores elencados acima foram determinantes para a escolha do tema que ora se desenvolve, porque convergem às observações e estudos no LAEF/PPGEDAM/UFGA. Aos meus conhecimentos como arquiteta, segurança do trabalho e como professora. Além da minha própria condição como mulher. Estas questões possibilitaram compreender, junto com as erveiras, as necessidades de melhorias no espaço em que elas trabalham. Entender suas dificuldades cotidianas para manutenção de suas famílias, usando seus saberes para manipulação de remédios artesanais.

1.1.1 Relação da pesquisa com a agenda 2030.

A Agenda 2030 é um documento estabelecido a partir de resoluções da Organização das Nações Unidas (ONU), que visa alcançar o desenvolvimento sustentável e promover o bem estar de pessoas e regiões carentes, espalhadas no globo atualmente. Para alcançar esse agenda, foram criados 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)² com um modelo global para promover vida digna às pessoas, promover a prosperidade e proteger o meio ambiente.

O estudo desenvolvido busca contribuir com o Grupo de Mulheres Erveiras de Marudá, Marapanim/Pa, produtoras de remédios artesanais no Espaço “Erva Vida” com a adaptação arquitetônica do espaço de produção e convivência. Com vistas a atingir uma produção de qualidade tanto nas atividades desenvolvidas quanto nos produtos comercializados pelo Grupo na comunidade local. Assim, o estudo busca atender alguns aspectos da agenda 2030, mais

²Disponível em: <http://www.agenda2030.com.br/ods/1/>

especificamente os objetivos 01, 03, 05, 08 e 17 da (ODS) dos quais estão relacionados com o presente estudo, especificados abaixo e sintetizados na imagem, Figura 01, a seguir.

Objetivo 1: Erradicação da pobreza – Neste objetivo busca-se contribuir com o Grupo “Erva Vida” para melhorar a produção dos fitoterápicos artesanais, sua comercialização e assim, propiciar um aumento da renda das mulheres erveiras do grupo.

Objetivo 3: Saúde e Bem-estar – Neste objetivo busca-se contribuir com o Grupo “Erva Vida” no aprimoramento do uso de plantas medicinais, na produção de remédios artesanais, incentivando sua qualidade e a segurança do produto, no tratamento e promoção da saúde das pessoas.

Objetivo 5: Igualdade de Gênero – Neste objetivo busca-se contribuir com a inserção no mercado local, o reconhecimento e valorização do trabalho desenvolvido pelas mulheres do Grupo “Erva Vida”, provedoras de renda familiar, com aumento da capacidade de geração de renda, participando mais ativamente para o desenvolvimento local.

Objetivo 8: Trabalho Decente e Crescimento Econômico – Neste objetivo busca-se contribuir junto ao Grupo “Erva Vida” na promoção de melhorias do local de trabalho, a fim de proporcionar bem-estar durante as atividades produtivas das mulheres erveiras. Bem como, estimular o crescimento econômico do grupo. Uma vez que as adaptações arquitetônicas projetadas visam fomentar a produção e comercialização de seus produtos de modo otimizado.

Objetivo 17: Parcerias e Meios de Implementação - Neste objetivo busca-se incentivar o Grupo “Erva Vida” a pôr em prática o acordo de cooperação com outras organizações locais e o NUMA/UFPA. Bem como, encaminhar novas parcerias com entidades públicas, privadas e sociedade civil que colaborem buscando apoio técnico e financeiro.

A Figura 1, representa os objetivos da ODS, que dialogam com a presente pesquisa, descritos acima. As imagens ajudam a melhor compreensão e reforçam os significados e a relevância deste estudo, especialmente, para o Grupo de mulheres “Erva vida”.

Figura 01 - Objetivos da ODS referenciados no presente trabalho.



Fonte: <http://www.agenda2030.com.br/ods/9/>

1.2. Questão da pesquisa

“O município de Marapanim, no Estado do Pará, reúne diversos potenciais que possibilitam a inserção de Plantas Medicinais e Fitoterápicos na Atenção Básica da saúde” (PINHEIRO, 2018, p. 18). Por apresentar grandes possibilidades de uso de plantas medicinais nos cuidados à saúde, as pessoas que moram em Marapanim/Pa buscam tratamento primeiro em suas casas com remédios feitos artesanalmente por elas. Só depois procuram tratamento médico no posto de saúde. Observa-se que o uso de remédios preparados com elementos extraídos diretamente da natureza é uma prática aprendida entre as famílias. Para Santos (2015, p. 13): “muitas comunidades têm como alternativa viável e de fácil acesso para tratamento de suas doenças, o uso de plantas medicinais, e esse aspecto tem-se expandido na sociedade positivamente, devido sua grande procura como opção terapêutica”. A utilização de produtos da natureza para tratamentos de saúde pela população amazônica também foram observados por Monteiro (2011):

Algumas plantas medicinais são conhecidas milenarmente pela cultura popular das várias comunidades amazônicas, onde a utilização desse recurso da natureza, na elaboração de seus remédios, retrata um estilo de vida que sempre esteve presente na manutenção e resolução dos agravos à saúde das comunidades tradicionais e populares. Diversas plantas medicinais utilizadas na elaboração de remédios pela comunidade amazônica retrata um estilo de vida que sempre esteve presente na manutenção e resolução dos agravos à saúde das comunidades tradicionais e populares (MONTEIRO, 2011, p. 14).

As comunidades que vivem na região utilizam também os recursos naturais para gerar renda e garantir sua manutenção, a exemplo, o Grupo de mulheres “Erva Vida” localizado na comunidade Bom Sossego, Distrito de Marudá, município de Marapanim, no Pará “que atingidas pela escassez da pesca, buscaram na produção e comercialização de remédios caseiros uma alternativa para cooperar com o sustento do lar e alcançar visibilidade em suas ações” (MONTEIRO, SOUZA e BARBOSA, 2012, p. 38).

O Grupo “Erva Vida” há mais de vinte (20) anos de existência expressa o conhecimento

popular sobre o uso das plantas medicinais e remédios artesanais. O grupo é formado apenas por mulheres, que se autodenominam pescadoras - erveiras (Monteiro, 2011), por isso adotou-se esta auto-identidade, reivindicada por elas, durante o processo de escrita deste trabalho. Parte desta trajetória é acompanhada pelo Laboratório de Etnofarmácia e o Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará - NUMA/UFPA, que realizam trocas de conhecimento com as pescadoras-erveiras na preparação de remédios, no que se refere ao saber científico e no que se refere ao conhecimento popular.

O grupo vem atuando na produção de remédios sendo que suas formulações são feitas artesanalmente pelo grupo e tem origem na sabedoria popular, propagada pelas erveiras quando aplicam suas memórias e o conhecimento ancestral deixado por seus antepassados no preparo e circulação destes remédios nas casa das pessoas que os consomem. “O grupo possui uma casa chamada de Espaço “Erva Vida”, onde funciona o laboratório, local de processamento da produção dos remédios que são preparados para comercialização” (MONTEIRO, SOUZA e BARBOSA, 2012, p. 41). A casa onde funciona o “Erva Vida” está localizada no Bairro do sossego e segue os mesmos modelos observados nas casas de madeira dos pescadores do bairro. Monteiro (2011) diz a seguir:

No bairro do Sossego, moram 200 famílias, quase que exclusivamente compostas por pescadores [...] que habitam em casas feitas em madeira extraída da vegetação de restinga, o que nos últimos anos vem dando lugar para casas de madeira de lei ou alvenaria (MONTEIRO, 2011, p. 22).

A observação de Monteiro (2011) enfatiza mudanças na construção das casas no bairro do sossego, o que possibilita notar a modificação na paisagem arquitetônica do local. Estas mudanças são cada vez mais acentuadas ao longo do tempo e são perceptíveis quando se caminha pelas ruas do bairro. Atualmente, a maioria das casas são feitas em alvenaria que muitas vezes não proporcionam um conforto térmico, deixando os ambientes mais quentes para o clima amazônico, como o tijolo, o cimento e telhas de fibrocimento. As casas de alvenaria comportam materiais como esquadrias de ferro e de alumínio. Apesar da existência deste desenho urbano é possível também perceber a presença de edificações em madeira, o que possibilita pensar nas diferenças econômicas existentes no bairro.

Seguindo as mesmas características arquitetônicas que predominam as edificações e pela falta de recursos financeiros o grupo de mulheres organizou um espaço para fabricação dos produtos artesanais, em estrutura de madeira, composto por alguns ambientes para proporcionar a funcionalidade do laboratório, entre eles o espaço de secagem das plantas e outro para a

manipulação e produção dos produtos.

Entende-se, no entanto, que a produção de fitoterápicos requer cuidados na questão da higiene e sanitização dos locais onde são manipulados. E, deve seguir as orientações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA do Ministério da Saúde - MS. Neste sentido, a presente pesquisa busca-se amparar nas diretrizes estipuladas pela ANVISA/MS.

O estudo está relacionado com as ideias dos pesquisadores citados no trabalho, uma vez que os autores discutem o uso das plantas medicinais como recurso natural na produção de fitoterápicos em comunidades tradicionais na Amazônia. Verifica-se que a relação entre o Grupo “Erva Vida” e o uso de plantas medicinais acontece, porque estas características destacadas pelos pesquisadores, também ocorrem na comunidade aqui estudada uma vez que a comunidade transforma as plantas medicinais em produtos naturais manipulados processados em espaços físicos destinados a produção dos remédios artesanais. Como ocorre no grupo de mulheres pescadoras-erveiras de Marudá, foco desta investigação.

Diante do contexto apresentado, este estudo pretende responder a seguinte pergunta: **A adequação do Espaço “Erva Vida” para a produção de remédios artesanais, garantirá qualidade da atividade de manipulação, para as erveiras, qualidade dos produtos para o consumo e comercialização, e assim, contribuir para o desenvolvimento local?**

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo Geral

Propor adequações arquitetônicas no espaço físico da sede onde funciona a manipulação de remédios artesanais realizada pelo Grupo “Erva Vida” em Marudá, Marapanim-Pa, atentando às boas práticas de produção de remédios artesanais, necessárias para obter produtos com qualidade e segurança e melhorar as atividades de manipulação, contribuindo para o processo de desenvolvimento local.

1.3.2. Objetivos Específicos

- Compreender a relação das mulheres com o Espaço “Erva Vida” onde atuam e a possibilidade de adequação;
- Conhecer a cadeia de manipulação dos remédios artesanais;
- Identificar as condições atuais dos espaços físicos onde são produzidos os remédios artesanais;

- Caracterizar as condições atuais dos espaços físicos utilizados na produção dos remédios artesanais;
- Elaborar um projeto arquitetônico para adequar os espaços físicos e possibilitar a realização das boas práticas de produção de remédios artesanais pelas mulheres erveiras. Respeitando a natureza do trabalho e a relação das erveiras com o Espaço “Erva Vida”

1.4. Objeto da pesquisa

O presente estudo tem como objeto da pesquisa o Espaço “Erva Vida”, local de produção de remédios artesanais, no qual as mulheres pescadoras-erveiras dedicam seus saberes à promoção da saúde. O objetivo desta pesquisa é apoiar e contribuir com o grupo, visando seu fortalecimento profissional e à manutenção das práticas ancestrais. Este trabalho pretende contribuir com sugestões de adequação para o Espaço “Erva Vida”, com possibilidade para ser utilizado em outras comunidades que usam plantas medicinais na produção de remédios.

1.5. Hipótese

O planejamento arquitetônico do Espaço “Erva Vida” proporcionará uma melhor disposição dos ambientes de acordo com as necessidades das atividades desenvolvidas durante a produção dos remédios artesanais tornando-os dinâmicos, seguros, confortáveis e higiênicos e, assim, a qualidade das atividades de produção e, conseqüentemente, do produto final – os remédios artesanais – será melhorada, o que potencializará a comercialização e contribuir para o desenvolvimento local.

1.6. Procedimentos Metodológicos

No início dos estudos de mestrado, em 2018 e com a participação em seminários, debates e aulas no PPGEDAM/UFPA, foi possível adentrar no arquivo de livros, artigos e dissertações desenvolvidos no programa, o que possibilitou a melhor compreensão sobre o uso de Plantas Medicinais no tratamento de doenças com vistas à manutenção da saúde das pessoas do Município de Marapanim/Pa, mais especificamente no Distrito de Marudá/Pa. Onde um grupo de mulheres erveiras chamado Grupo “Erva Vida,” utiliza plantas medicinais em seus tratamentos pessoais de saúde e para a produção de remédios artesanais, os quais comercializam junto à comunidade local, ou ao público de turistas que frequentam o município.

Ainda neste período foi realizada uma visita exploratória para conhecer de perto as mulheres do Grupo “Erva Vida”, bem como, os remédios artesanais e a casa onde eles são

produzidos. Com base nas observações, conversas e entrevistas obtidas junto às erveiras, no decorrer da pesquisa, assim como às leituras realizadas, consultas a documentos obtidos ao longo do mestrado. Estudos e informações que se encontram aos meus conhecimentos de graduação em arquitetura, firmando assim o interesse para realização do presente estudo. Que propõe adaptações aos espaços físicos do Espaço “Erva Vida”, com vistas a melhorias na qualidade do trabalho, bem estar dessas mulheres e na qualidade dos produtos artesanais feitos por elas. É necessário frisar que as propostas aqui elaboradas foram tecidas em diálogo com a opinião, saberes e interesse dessas mulheres trabalhadoras, já que o espaço será usufruído por elas.

A pesquisa de campo corresponde à observação, coleta, análise e interpretação de fatos e fenômenos que ocorrem dentro de seus espaços, cenários e ambientes naturais de amplitude que no caso específico de nossos estudos é o Grupo “Erva Vida”.

No estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação. (GIL, 2008, p. 57)

Entende-se, portanto, que cabe ao pesquisador a realização de uma observação minuciosa do objeto de estudo e como ele se comporta no seu ambiente, para se compreender os diferentes aspectos de uma determinada realidade.

Para concepção e desenvolvimento desta pesquisa realizou-se, portanto, estudos de campo, no qual foram coletadas entrevistas, depoimentos, fotografias e conversas, dados estruturantes para concepção desta dissertação. Ressalta-se, no entanto, que houve bastante dificuldade para se chegar à Marudá no início de 2020, até o presente momento, por causa da pandemia instalada no mundo, decorrente da covid-19³. Foi necessário então trocar informações via rede social WhatsApp, ou por telefone.

Foi realizado ainda, levantamento bibliográfico sobre os trabalhos realizados até aqui com este grupo de mulheres, além da análise documental da Política e Programa de Plantas Medicinais e Fitoterápicas - PNPMF de 2016 do Ministério da Saúde - MS e da Resolução da

³ A pandemia do coronavírus relacionado à síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2), causador da doença do coronavírus 2019 (COVID-19), que emergiu no final de 2019 em Wuhan, Província de Hubei, China, rapidamente se disseminou por todos os continentes, aumentando exponencialmente o número de infectados e ocasionando milhares de mortes no mundo.1Estima-se que, até 26 de abril de 2020, houve mais de 2,8 milhões de infectados no mundo e mais de 193 mil mortes relacionadas à doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19). Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ress/v29n3/2237-9622-ress-29-03-e2020233.pdf>

Diretoria Colegiada nº 13 de 14 de março de 2013 – ANVISA/MS, que dispõe sobre as Boas Práticas de Fabricação de Produtos Tradicionais Fitoterápicos, alterada pela RDC nº 388/ANVISA/MS de 26 de maio de 2020.

Durante a pesquisa de campo foram feitas rodas de conversas com as mulheres erveiras que compõem o Grupo “Erva Vida”. Nesse percurso foram coletados relatos e história de vida dessas mulheres, que possibilitaram visualizar e melhor compreender as práticas que envolvem a produção dos remédios fabricados neste espaço. O acúmulo de informações obtidas no decorrer da pesquisa possibilitou a compreensão do significativo papel do Espaço “Erva Vida” para o trabalho e para a vida destas mulheres. Percebeu-se que as atividades desenvolvidas no local ajudam a manter o sentimento de pertencimento aos ambientes onde convivem diariamente. Os elementos enumerados acima deram suporte para se pensar em possibilidades de adaptação ao espaço, buscando melhoramentos na produção dos remédios artesanais e bem estar laboral. Como relataram as próprias erveiras: “Trabalho aqui desde essa data, 23 anos, desde quando começou né?. Tô levando!... “Eu me sinto ótima aqui” (Relato oral, 2018)⁴. Estes relatos possibilitam compreender que há uma ligação dessas mulheres com o Espaço “Erva vida”, que atravessa a interação social entre elas, para além de uma relação apenas de trabalho.

Com base nos conceitos do campo da arquitetura, foram observados que os ambientes do Espaço “Erva Vida” apresentam problemas nas instalações desde a ventilação, iluminação, revestimentos, aberturas de portas, janelas, balcões, acessibilidade, equipamentos e até mobiliários. Com auxílio de registros fotográficos fez-se um mapeamento da situação e uma análise seguida de diagnóstico sobre o caso, com base no que diz a RDC nº 13/ANVISA/MS, com vistas a atender aos requisitos mínimos para padronizar a verificação do cumprimento das Boas Práticas de Fabricação de Produtos Tradicionais Fitoterápicos. Este assunto será mais bem explicado no tópico 2.2, onde discute a legislação brasileira.

Na perspectiva teórica a abordagem escolhida para este estudo foi o exame qualitativo, pois se trata de uma pesquisa interpretativa e descritiva estudando relações complexas sem isolamento, tentando compreender e interpretar o fenômeno estudado em seu contexto natural, pois a comunidade participa (GIL, 2008). Pode-se dizer, assim, que é a busca pelo cotidiano das atividades relacionadas ao grupo de mulheres, suas experiências e observações, buscando perceber a ambiência dos espaços físicos em ambas as situações.

Para a realização desta pesquisa, utilizou-se também os métodos da observação participante, em uma perspectiva social e o memorial descritivo, sob a ótica da arquitetura. A

⁴ Rodas de conversa com a participação de Sebastiana Favacho, 2018

observação participante foi utilizada, uma vez que o projeto arquitetônico teve a participação efetiva das mulheres no sentido das orientações quanto às suas necessidades e interesses. A observação participante aconteceu durante todo o processo de coleta de dados, a partir dos diálogos estabelecidos entre os pesquisadores e as mulheres erveiras. Sobre observação participante:

Consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada, neste caso, o observador assume, pelo menos, até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí porque se pode definir a observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo, a partir do interior dele mesmo. (GIL, 2008, p. 103).

Entende-se, portanto, que a observação participante passa pela interatividade e pelo conhecimento detalhado do pesquisador sobre o grupo e sobre o espaço de convivência.

1.6.1. Instrumentos de estudo, de análise e o projeto arquitetônico

Utilizou-se o levantamento de dados para caracterizar os ambientes no Espaço “Erva vida”. Foi realizado em três etapas, entre 2018 e 2020. Nas duas primeiras fases, em 2018 e 2019, foi feita a caracterização dos espaços de produção, da lojinha, da sala de marketing e da área de convivência, assim como a realização de registro de fotos, entrevistas e rodas de conversa, onde foi possível reunir parte dos relatos das mulheres do grupo sobre os ambientes, seus usos e necessidades. Em 2020 realizou-se o levantamento métrico dos ambientes do “Erva Vida” para a elaboração do projeto de adaptação do espaço.

Para a compreensão do projeto de arquitetura aqui proposto foi necessário criar o memorial descritivo, (apêndice A), que deu suporte e melhor visualização, análise e diagnóstico da atual disposição do espaço estudado. Assim como, trouxe maior amplitude às propostas ao projeto de adaptação do Espaço “Erva Vida”. O memorial descritivo é uma significativa ferramenta capaz de munir de informações técnicas sobre a obra e recebe diferentes olhares conceituais. Segundo o Manual de Escopo de Projetos e Serviços de Arquitetura e Urbanismo da Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura - ASBEA, o memorial descritivo fornece informações técnicas construtivas como as características do terreno, o entorno e as especificações dos materiais necessários para execução da obra como: janelas, portas, revestimentos, cobertura, lajes e fundações. (ASBEA, 2019). Para Serra (2006, p. 98) o memorial descritivo é a descrição de espaços não geométricos existentes em um ambiente. É uma descrição verbal. Essa forma de memorial dedica-se, a explicar sobre a funcionalidade de elementos de circulação ou de conforto ambiental, como a ventilação e a iluminação.

Ao final, foi elaborado um projeto arquitetônico para a adequação do Espaço “Erva Vida”, (apêndice B), contendo as disposições dos ambientes de forma que proporcione um bom dimensionamento dos espaços de trabalho que sistematize o processo de fabricação dos remédios, um bom fluxo de pessoas e de materiais, boa disponibilização de mobiliários e produtos, que possibilite a realização das boas práticas de produção de fitoterápicos pelo Grupo “Erva Vida”. A elaboração do projeto arquitetônico contou com o programa de modelagem projetual em software⁵ 3D. Para o resultado final da pesquisa e das discussões teóricas, procurou-se trazer propostas, a partir de um olhar da arquitetura, com vistas ao melhoramento da qualidade de produção de remédios artesanais elaborados no Espaço “Erva Vida”.

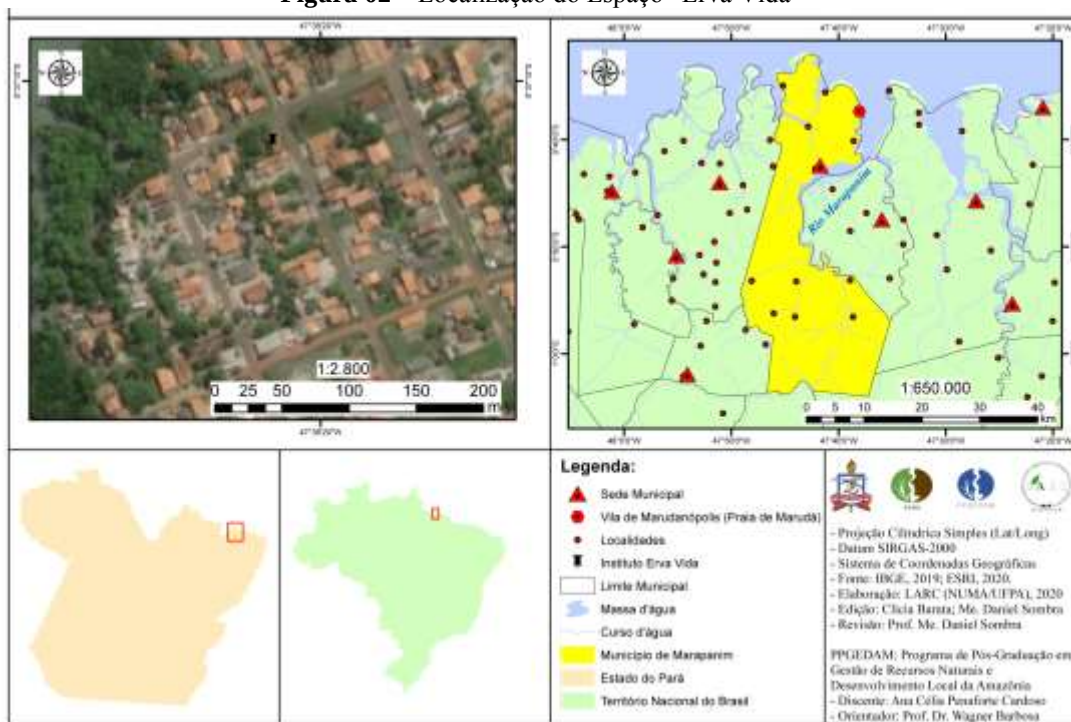
1.6.2. Área da pesquisa

No período do século XVIII os padres Jesuítas fundaram a fazenda Bom Intento. Com a saída dos padres parte da fazenda passou para os domínios particulares, sendo uma parte doada à fundação de uma freguesia que posteriormente passou a ser chamada de Freguesia do Bom Intento. Em 1874, emancipou-se político-administrativamente com a denominação de Marapanim. O município de Marapanim possui o topônimo indígena, de origem tupi, decompõe-se nos étimos mará ou mbará e panim ou panã + i, que significa borboletinhas d'água ou do mar. Está localizado na zona do salgado do estado do Pará (IBGE, 2019).

O Distrito de Marudá está localizado no litoral do Município de Marapanim. “Os primeiros habitantes de Marudá foram os indígenas Tupinambá [...] os pescadores migrantes da zona rural de Marapanim e de outras regiões do estado do Pará”, atraídos pelas possibilidades de pesca, onde se estabeleceram contribuindo para o crescimento comunitário. Desenvolveram ações que possibilitaram a criação de associações como: a Associação Beneficente dos Pescadores de Marudá (ABPM) e a Associação de Mulheres da Área Pesqueira de Marudá (AMAPEM), “vista como o elemento embrionário da criação do grupo de mulheres pescadoras - erveiras do “Erva Vida” de acordo com suas componentes” (MONTEIRO, 2011, p. 18-19).

A área de estudo desta dissertação, o Espaço “Erva Vida”, destacado no mapa, Figura 02 a seguir, localiza-se no Município de Marapanim-Pa, Distrito de Marudá, no bairro Bom Sossego. O Espaço “Erva Vida”, também poderá ser visualizado nas plantas de localização e de situação apresentados no projeto arquitetônico, apêndice B do presente estudo.

⁵ Programa de computadores

Figura 02 – Localização do Espaço “Erva Vida”

Fonte: UFPA. NUMA. Laboratório de Análise e Representação Cartográfica (LARC), 2020.

O município está dividido em (04) distritos: Marapanim, Monte Alegre do Maú e Matapiquara e Marudá (MONTEIRO, 2011, p. 16, SANTOS, 2015, p.15). Marudá conta com uma zona de praias, sendo a pesca a atividade produtiva principal para o consumo doméstico e para a comercialização. O município de Marapanim possui uma diversidade de atrativos naturais: as praias oceânicas no Distrito de Marudá, onde se destaca por sua infraestrutura turística [...] Tem maior fluxo de visitantes em finais de semana e férias escolares (BASTOS, 2016, p. 24).

2. DISCUSSÃO TEÓRICA E DISCUSSÃO LEGAL

2.1 MULHERES PESCADORAS-ERVEIRAS: Um Grupo Consolidado, do Saber Ancestral à Emancipação.

O Sociólogo Antônio Carlos Diegues (1999) menciona Jean Léry no período do século XVI, que descreveu a prática da pesca pelos indígenas Tupinambá. E concluiu que ao longo do litoral, usavam canoas, pirogas cavadas em tronco de árvore, jangadas feitas de paus amarrados. “A pesca, praticada pelos índios, é uma atividade anterior à chegada dos navegadores portugueses ao Brasil, peixes, crustáceos e moluscos eram parte importante de sua dieta alimentar” (DIEGUES, 1999, p. 361).

Ainda em Diegues (1999) as atividades pesqueiras foram responsáveis pelo desenvolvimento de culturas regionais:

(...) as atividades pesqueiras deram origem a inúmeras culturas litorâneas regionais, como a do jangadeiro, em todo o litoral nordestino, a do caiçara, no litoral entre o Rio de Janeiro e São Paulo; e o açoriano, no litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Além, da pesca ser a atividade predominante na costa brasileira, pescadores de algumas regiões praticavam a atividade agrícola (DIEGUES, 1999, p. 362).

Para o professor e sociólogo NUMA/UFPA Sérgio Cardoso Moraes:

(...) o conhecimento do meio ambiente e a habilidade para utilizar esse meio, na medida em que vão sendo transmitidos e absorvidos pelas gerações transformam práticas, hábitos de vida, modos de apreensão da natureza pelo contato íntimo com a água, a floresta, e a terra. (MORAES, 2011, p. 95).

“A cultura dos povos da Amazônia, principalmente ao que habitam as florestas e as margens dos rios, está intimamente ligada aos usos e aproveitamento dos recursos naturais” (BARBOSA; SOUZA, 2011, p.59). Destaca-se, portanto, o conhecimento empírico.

(...) o conhecimento empírico desses povos, é construído na sua adaptação à dinâmica do fantástico ecossistema amazônico. Toda a variedade de instrumentos necessários à sobrevivência se reproduz na cultura dessas coletividades. Para exemplificar observam-se algumas peculiaridades, tais como, a construção de casas de madeiras suspensas em palafitas e às margens dos rios e igarapés, a carpintaria naval, a pesca artesanal, a coleta de frutos e sementes na floresta, a preparação do açaí, a extração e preparo de óleos e o uso e aproveitamento de ervas e plantas medicinais. (BARBOSA; SOUZA, 2016, p.59).

Os autores referem-se às singularidades culturais presentes no ecossistema amazônico e ajudam a entender que os saberes sobre construções, carpintaria, pesca artesanal, coleta de frutos e sementes, preparação do açaí, extração e preparo de óleos e o uso e aproveitamento de ervas e plantas medicinais são práticas aprendidas no cotidiano, por meio da oralidade e das memórias ancestrais. Esta reflexão vai ao encontro do pensamento a seguir, que discute os saberes desenvolvidos entre populações ribeiras:

(...) estes saberes não-científicos ligados às populações tradicionais envolvem relações estreitas entre homem e natureza, permeados em relações de ordens pontuais e místicas, são conhecimentos transmitidos das gerações mais experientes para as mais jovens, principalmente pela oralidade e pelas práticas do cotidiano. (MASSAMBA, MAGNO e MORAES 2016, p. 80 apud MORAES, 2007).

As trocas culturais aprendidas no contexto dos núcleos familiares na Amazônia faz parte

de uma prática milenar que se atualiza, tendo como ponto central a relação de mulheres e homens com a natureza. Esta relação é perceptível entre as mulheres do “Erva Vida” desde o modo como manipulam as plantas medicinais e as ervas até o modo como preparam os remédios artesanais, como quando usam o calendário lunar para extração das plantas, tendo a lua nova como o melhor momento para a colheita. Ao se observar, portanto, o trabalho desenvolvido pelo grupo percebe-se que suas histórias pessoais são entrelaçadas com os rios, igarapés e com o mato. E a maior parte de seus saberes é apreendida desde quando são muito pequenas, baseados na relação estabelecida com estes elementos da natureza, que abrigam histórias, conhecimentos e os seres protetores.

Marapanim possui uma vasta zona praiana, como já foi citado, e a pesca tornou-se uma das atividades mais rentáveis da região. O que impulsionou o surgimento de entidades politicamente organizadas, coletivos que pudessem assegurar renda e lutar por garantias. Foi neste contexto que surgiu o “Erva Vida” fundada no ano de 1995.

(...) o grupo de mulheres Erva Vida – Marudá (GRUMEVI) é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, foi fundada em 08 de setembro de 1995 e instituída em 23 de setembro de 1997. Situada na rua da liberdade com Oswaldo Cruz, bairro do sossego, no distrito de Marudá, em Marapanim (PA). É constituída por mulheres pescadoras, donas de casa e profissionais moradoras da comunidade e que buscam sua identidade feminina e autonomia pessoal (SILVA, 2013, p. 39).

“O grupo de mulheres erveiras surgiu após o declínio da produção da pesca artesanal em Marudá” (MONTEIRO, SOUZA e BARBOSA, 2012, p. 39). Como alternativa, para suprir suas necessidades econômicas, devido à escassez do pescado, e para solucionar problemas de renda familiar, alcançar independência financeira e vencer os problemas conjugais que muitas vezes ocorriam, como a violência doméstica cometida por seus maridos.

Essas mulheres começaram a se reunir, no período da tarde, no barracão da colônia de pescadores para trocar experiências e aproveitar suas habilidades artesanais no conhecimento sobre plantas medicinais (MONTEIRO, 2011; FLOR, 2013, SILVA, 2013; SANTOS, 2015; BASTOS, 2016). No entanto, o espaço do barracão da colônia de pescadores não favorecia o acondicionamento das raízes e outros insumos utilizados no processo da produção dos remédios. Um dos motivos que impulsionou o grupo a vislumbrar um espaço onde pudessem consolidar a prática de fazer remédios, de forma mais organizada com fins comerciais e ao mesmo tempo, sentindo-se em um lugar de pertencimento. Nos relatos a seguir pode-se observar os momentos iniciais da formação do grupo de mulheres que hoje está com vinte e três

(23) anos de existência.

De acordo com a erveira Nazaré Sá juntamente com Bárbara Gorayeb, que é enfermeira e se juntou ao grupo para dar apoio, após mudar-se para o município, foram as idealizadoras do Grupo “Erva Vida”. Nazaré Sá (2018) disse. “Eu fui uma das que semeou a ideia do “Erva Vida” há 23 anos atrás, junto com a Bárbara”. Sem apoio financeiro para construção de um espaço para o grupo. Nazaré e Bárbara, que faziam parte da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, (IECLB) buscaram ajuda financeira de parceiros da Igreja Luterana na Alemanha. O grupo conseguiu comprar um terreno e iniciar a construção do Espaço “Erva Vida”.

Então foi aí que começou a construção e quem fez foi o marido da Lene, (Leonilde Machado), junto com outros trabalhadores daqui mesmo que fizeram esse projeto que a gente chama de arquitetura (...) A ideia inicial do espaço era de se tornar uma lanchonete alternativa de alimentos saudáveis. A ideia da loja veio só depois, com o pessoal do SEBRAE⁶. Eles vieram aqui e verificou tudinho e deu o selo de qualidade e o pessoal continuou o trabalho. (...) Neste mesmo período veio aqui também um pessoal lá da Alemanha para fazer uma matéria que passaria em uma televisão de lá. Eles doaram R\$1.000,00 (um mil reais) para o grupo como incentivo. E logo a gente comprou madeira e trocamos umas tábuas. Eles vieram aqui pra fazer uma matéria sobre a resistência dos grupos na questão do aspecto cultural. (Relato oral, 2018) ⁷.

Assim, as mulheres pescadoras-erveiras, passaram a se reunir de forma mais sistemática para fazerem artesanato e produzirem remédios artesanais, a serem comercializados. Nesse contexto, o grupo de mulheres pescadoras passou a ser chamado pescadoras erveiras e reconhecido como Grupo de Mulheres “Erva Vida”, que traz para sua produção de medicamentos artesanais os saberes adquiridos em suas famílias, em uma relação com a natureza, O grupo tem como missão:

Nossa missão é incentivar, organizar e buscar um desenvolvimento integrado, que possa gerar renda, tendo como importância a cooperação para o sustento de suas famílias que possam contribuir na renda familiar. Buscamos também realizar ações de preservação da natureza, principalmente o combate às queimadas, a pesca predatória em Marudá, é costume queimar o lixo, sem nenhuma preocupação com a poluição e outros danos ao ambiente. (GRUPO “ERVA VIDA”, 2020, p. 01).

O trabalho desenvolvido pelas mulheres do “Erva vida” gera renda e aumenta a capacidade produtiva do grupo, sem perder de vista a preocupação com o meio ambiente. A casa é identificada por elas como Espaço “Erva vida” e passou a funcionar como um espaço de

⁶ Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas.

⁷ Rodas de conversa com participação de Nazaré Sá, 2018

produção dos remédios artesanais, mas passou a representar para elas um lugar de trocas de experiências, anseios e sonhos. Atualmente o local possui uma loja, uma sala de produção, uma sala de estocagem de ervas e um horto de plantas medicinais.

“A experiência de pescadoras em Marudá/Amazônia é um exemplo prático da emancipação do gênero feminino, que determinou e consolidou esta conquista o conhecimento cultural e ancestral sobre plantas medicinais como remédio” (MONTEIRO, 2011, p. 28). Nesta perspectiva pensa-se que as mulheres erveiras conquistaram emancipação econômica, reforçando a autonomia, a partir da significação dos seus saberes, fomentando a movimentação no mercado. O trabalho desenvolvido no Grupo “Erva Vida” deu novo sentido profissional a estas mulheres, que antes se dedicavam frequentemente à pesca e às atividades domésticas.

Desta forma, ao longo desses mais de vinte (20) anos de existência, o grupo de mulheres “Erva Vida” contribui para a sustentação econômica de suas famílias, muitas vezes é a única ou a maior fonte de renda da casa. Com o trabalho desenvolvido no grupo, elas contribuem também para mudanças na dinâmica da vida familiar, investem diariamente na busca de seus espaços como profissionais no mercado de trabalho e resistem quanto às discordâncias de seus maridos, em razão delas se recusarem à realização apenas de tarefas domésticas no contexto de suas casas. Algumas eram ainda jovens quando entraram no grupo e continuam acreditando no projeto e nos seus saberes. Essa crença e o trabalho diário promoveram, conseqüentemente, o crescimento na produção, reconhecimento da população na qualidade do trabalho delas. Esta relação de produção criou uma cadeia produtiva, gerando renda, comercialização de produtos, insumos, etiquetas e embalagens, movimentando a economia e promovendo assim desenvolvimento local. Atualmente, o grupo mantém relações econômicas com diferentes agentes na comunidade como elas afirmam a seguir:

O “Erva Vida” conta com a presença de 18 associados, sendo 6 destes na área de produção de remédios, contando também com fornecedores fixos(grupos afins que comercializam mel de abelha e moradores do local que coletam cascas e sementes). O “Erva Vida” tem como objetivo revitalizar em Marudá a cultura do uso de plantas medicinais como remédio, fortalecendo a abertura de novos caminhos, buscando conquistas particulares e coletivas que envolvem seu saber popular sobre plantas medicinais visando o bem estar de toda a comunidade. (GRUPO “ERVA VIDA”, 2020, p. 01).

Para o economista e sociólogo Sérgio José Cavalcante Buarque (2008) o desenvolvimento local pode ser conceituado como um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e

agrupamentos humanos (BUARQUE, 2008 p. 25). Neste sentido, observa-se que as práticas desenvolvidas no espaço “Erva Vida”, contribuem para o desenvolvimento local, tanto no que diz respeito à produção de produtos medicinais, desde as etapas que envolvem o plantio, colheita, secagem, até à comercialização em si, que cria relações econômicas de compra e de venda com diferentes segmentos da sociedade, gerando movimentação na economia local. Assim, conclui-se que as atividades desempenhadas pelas ervaíras convergem para o que Buarque (2008) ensina:

(...) ‘desenvolvimento comunitário’ como uma forma particular de desenvolvimento local delimitado pelo espaço da comunidade vinculada a projetos locais; normalmente não tem uma estrutura político-administrativa e institucional, mas tende a apresentar uma grande homogeneidade social e econômica e capacidade de organização e participação comunitária (BUARQUE, 2008, p. 33).

A produção de remédios artesanais do “Erva Vida” contribui para a geração de renda das famílias das ervaíras e conseqüentemente contribui com o aumento da qualidade de vida dessas pessoas, proporcionando o que o economista e pesquisador do NUMA/UFPA Mário Vasconcellos Sobrinho (2013) defende sobre desenvolvimento humano, que deve centrar-se na satisfação das pessoas seja por meio de aspectos objetivos ou por aspectos subjetivos. As ervaíras conquistaram independência financeira e, ao mesmo tempo, conquistaram confiança e segurança em si mesmas.

O approach do desenvolvimento baseado nas pessoas traz para o centro do debate o tema desenvolvimento humano. Segundo o approach do desenvolvimento humano, o desenvolvimento se dá pela melhoria da qualidade de vida das pessoas que, por sua vez, é refletido pelo alcance da satisfação dos indivíduos tanto sob a perspectiva objetiva (emprego, renda, objetos possuídos, qualidade da habitação, educação e saúde) quanto sob o viés das condições subjetivas (segurança, privacidade, reconhecimento, afeto). Trata-se de uma perspectiva que não exclui o entendimento da importância do crescimento econômico, mas o entende como limitado para o desenvolvimento das sociedades humanas. Entretanto, um problema central que a perspectiva do desenvolvimento humano traz é a conceituação de qualidade de vida. (VASCONCELLOS, 2013, p. 15).

Entende-se, desta forma que o trabalho das mulheres ervaíras em Marudá caminha na perspectiva do desenvolvimento humano, porque as atividades do “Erva Vida” proporcionam o crescimento individual e coletivo, uma vez que as atividades de produção dos remédios são efetuadas de modo horizontalizado, sem hierarquias, proporcionando o que Vasconcellos entende por qualidade de vida.

Qualidade de vida é um conceito abstrato, subjetivo e dependente do tempo

histórico e da forma como cada indivíduo e cada coletividade se inserem e se relacionam com a sociedade na qual estão inseridos. Trata-se de um conceito diretamente relacionado com a percepção que cada indivíduo e coletividade tem de si e dos outros, do mundo interno e de seu redor. Qualidade de vida pode ser avaliada por critérios diferenciados, objetivos e subjetivos, e valorizados consoante as circunstâncias em que cada indivíduo se encontra. Isso significa que o conceito varia de acordo com as diferenças individuais, sociais, culturais e de tempo histórico (época) de cada indivíduo e coletividade. (VASCONCELLOS, 2013, p. 15)

Entretanto, é preciso dizer que apesar dos avanços conquistados ao longo dos seus vinte e três anos de existência, o processo ainda é lento, seja pela falta de recursos financeiros, seja pela ausência de incentivos públicos que incrementem e valorizem a produção de remédios artesanais como um bem cultural da população local. Um cenário recorrente em regiões como a Amazônia inserida no contexto da América Latina, dividida em regiões ricas e regiões pobres economicamente, em que a concentração de renda é cada vez mais acentuada, gerando abismos sociais.

Entretanto, por contraste, países da América Latina, como, por exemplo, o Brasil, da Ásia, como China e Índia, e da África, como a África do Sul, têm apresentado crescimento econômico, mas esse crescimento tem se traduzido muito lentamente em mudanças qualitativas nas condições de vida das pessoas. A grande contradição tem sido que a renda gerada pelo crescimento econômico não tem sido apropriadamente distribuída para as diversas coletividades que compõem a sociedade. Pelo contrário, o crescimento econômico tem se caracterizado pela concentração da riqueza e contínua exclusão social de camadas populacionais significativas da sociedade. Isso porque, segundo Chambers (1997), a centralidade do desenvolvimento tem sido a economia e não as pessoas. A questão-chave, segundo Chambers (1997) é: em que medida o que se está produzindo afeta a melhoria da qualidade de vida das pessoas? O que Chambers (1997) nos mostra é que a persistência do alto nível de pobreza, exclusão e desigualdade social indicam que os caminhos predominantes das propostas de desenvolvimento ainda não encontraram seu objetivo principal – as pessoas. (VASCONCELLOS, 2013, p. 16).

Neste sentido é possível afirmar que o trabalho desenvolvido pelas mulheres do grupo “Erva Vida” é uma demonstração de resistência e de luta, visto que as atividades desenvolvidas pelo coletivo recebem pouco ou nenhum incentivo cultural ou financeiro de grupos externos. A sobrevivência do projeto acontece em razão da comercialização dos produtos, do estabelecimento de parcerias ou da participação em editais como foi o caso do prêmio conquistado pelo “Erva Vida” no início de 2020, em meio à pandemia do covid-19, por meio Instituto Clima e Sociedade (ICS), que contribuiu para melhorias no local.

Atualmente o grupo é composto por nove (09) mulheres, entre elas, encontra-se a

Marilene, filha e a Vitória, neta da Sebastiana, o que evidencia a prática do aprendizado no interior das famílias, em que os saberes são repassados entre gerações. Esta dinâmica perpetua os conhecimentos e pode ajudar no crescimento da produção dos remédios artesanais e contribuir para o fortalecimento da identidade do grupo. As mulheres mais jovens poderão, assim, assumir a liderança e as atividades que suas mães desempenham hoje, para dar seguimento ao projeto. O “Erva vida” ganhou autonomia, ao longo do tempo, e fomenta o aprendizado oportunizando experiências a novos integrantes do grupo como é o caso do voluntário Mateus Ferreira estudante do Instituto Federal do Pará (IFPA) e atual colaborador do grupo.

Ao longo do período em que se realizou esta pesquisa foi possível observar eventuais mudanças na composição do grupo em razão de desligamentos, e afastamentos, por questões de saúde como é a atual situação da Esmeralda. E para melhor descrever as funções, responsabilidades e atividades desenvolvidas pelas componentes do “Erva Vida”, apresentou-se nos Quadros 01 e 02, a seguir, um resumo que melhor descreve o perfil e as principais mudanças ocorridas no grupo neste intervalo de tempo.

Quadro 01 – Perfil das integrantes do Grupo “Erva Vida”

INTEGRANTE	IDADE	OCUPAÇÃO	FUNÇÃO NO GRUPO	SITUAÇÃO ATUAL
Leonilde de Sena Machado	60	Pescadora/artesã	Coordenadora	Ativa
Raimunda Odete Rosário	74	Lavradora (aposentada)	Vice coordenadora	Ativa
Maria de Nazaré Sá de Oliveira	68	Pedagoga	1ª Secretária	Ativa
Maria Sebastiana Favacho	62	Pescadora/costureira/catequista	1ª tesoureira	Ativa
Marilene Ferreira (filha da M ^a Sebastiana)	45	Pescadora	Participante	Ativa
Maria do Carmo dos Santos	68	Artesã	Participante Artesã	Ativa
Milena Cunha de Brito	16	Estudante	Etiquetagem dos remédios Atendente na loja	Ativa

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Quadro 02 – Atualização do perfil das integrantes do Grupo “Erva Vida”

INTEGRANTE	IDADE	OCUPAÇÃO	FUNÇÃO NO GRUPO	SITUAÇÃO ATUAL
Maria Vitória Pereira (filha da Marilene)	17	Apoio	Etiquetagem e atendente na loja	Ativa
Mateus Ferreira Machado (apoio)	26	Estudante	Cuida do Horto medicinal	Ativo
Edwirges Lima da Conceição	60	Pescadora/artesã/catequista	Participante/responsável pelo artesanato	Saiu do grupo
Esmeralda Santílio Lima	77	Pedagoga	2ª Secretária	Afastada para tratamento médico

Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

2.1.1. Rodas de conversa e o cotidiano das mulheres erveiras no Espaço “Erva vida”

Utilizou-se fotografias como recurso visual que nos ajudam na compreensão do modo de vida, auxiliam na a visualização do perfil das trabalhadoras do “Erva vida”, além de dar visibilidade a algumas técnicas de secagem e de manipulação das sementes e das ervas, etapas da produção que necessitam de um ambiente para serem armazenadas.

As imagens a seguir, Figuras 03 e 04 , foram realizadas durante a pesquisa de campo, trata-se de dois momentos das rodas de conversas realizadas com as mulheres no espaço “Erva Vida” entre 2018 e 2020, respectivamente. As fotografias mostram algumas mulheres em torno de uma mesa, quando elas expunham sobre os processos de produção, sobre a história do grupo, suas dificuldades, suas conquistas e a relação delas com a casa onde funciona o projeto. Na Figura 03, da esquerda para direita, visualiza-se a Nazaré, Sebastiana, Maria do Carmo, Marilene e a Lene (Leonilde). Na Figura 04, da esquerda para direita tem-se a Nazaré, a Odete, a Sebastiana, a Maria do Carmo, a Vitória e o Matheu

Figura 03 – Mulheres do “Erva Vida”



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 04 – Componentes do “Erva Vida



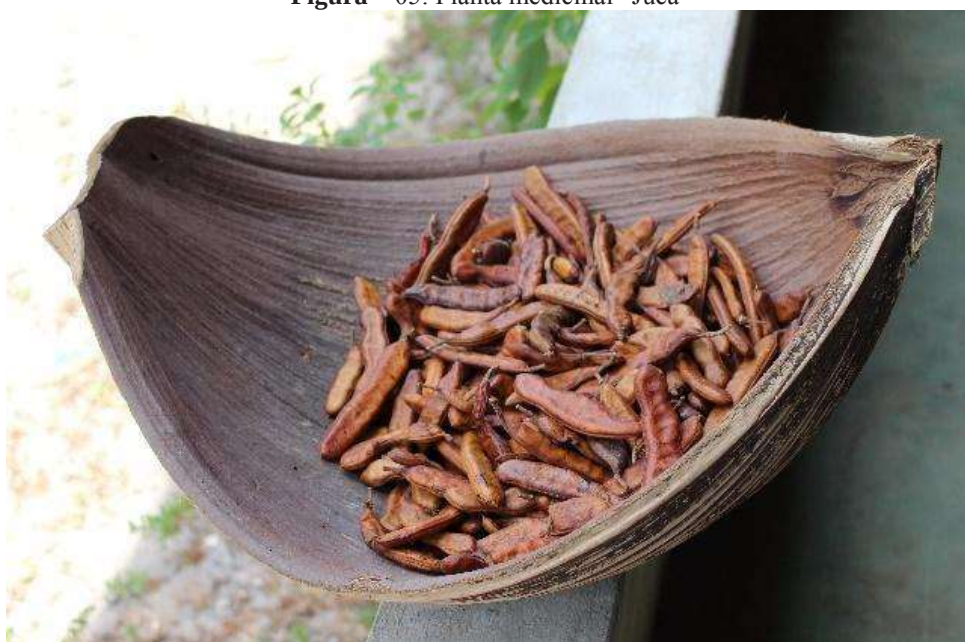
Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

As fotografias a seguir visibilizam frutos e cascas de plantas utilizadas nos remédios fabricados pelo “Erva Vida”. A Figura 05 mostra o fruto de ‘jucá’⁸ secando em um recipiente,

⁸ Jucá : é uma árvore que mantém parte das folhas no período seco, servido de abrigo para avifauna e outros

denominado por elas de coroatá, retirado da palmeira inajá⁹. A Figura 06 mostra cascas da planta conhecida popularmente como ‘pau de verônica’¹⁰, possui diferentes indicações, como mostra o Quadro 03. As fotografias deixam ver o modo como essas sementes e cascas de plantas são tratadas antes de serem transformadas em remédios, mas deixam ver também as habilidades e conhecimentos dessas mulheres para com os insumos naturais coletados no mato, no horto ou adquiridos em mercados. As imagens possibilitam visualizar os ambientes e algumas das formas como a matéria-prima é acondicionada.

Figura – 05: Planta medicinal “Jucá”



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

animais silvestres. As flores apresentam um alto potencial melífero. Na medicina popular a tintura da vagem é recomendada para estancar hemorragias e em compressas contra luxações. O pó da casca é utilizado como cicatrizante. Nome científico: *Libidibia ferrea*, Informações disponíveis <https://www.acaatinga.org.br/wp-content/uploads/ManualT%C3%A9cnicoProdu%C3%A7%C3%A3odeSementeseMudas.pdf>.

⁹ Na Amazônia Oriental, o inajá ocorre naturalmente, em áreas de florestas secundárias e está presente como componente arbóreo de sistemas silvipastoris. Nestes sistemas agroflorestais, a regeneração natural do inajá, em geral, não tem a função produtora, uma vez que é, precariamente, mantida pelo agricultor para proteção de animais. Nome científico: *Attalea maripa*. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-93340/biometria-e-morfologia-de-attalea-maripa-aubl-mart-inaja-em-sistema-silvipastoril-no-nordeste-paraense>.

¹⁰ Planta medicinal indicada para infecções ginecológicas. Nome científico: *Attalea maripa*. Disponível em: FLOR, A. S. S. O.. Fitoterapia Popular do Bairro do Sossego Distrito de Marudá-PA. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado) em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente. Belém, 2014. Nome científico: *Veronica officinalis* L

Figura: 06: Planta medicinal – “Pau de Verônica”



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

2.1.2. O Espaço “Erva Vida”: lugar de trabalho e de interação entre as erveiras.

Os remédios artesanais produzidos pelo Grupo “Erva Vida” ajudam nos cuidados à saúde da população de Marudá que muitas vezes não encontra atendimento no sistema público de saúde. “As mulheres pescadoras-erveiras, não abrem mão de tê-los em sua farmácia caseira por confiarem no conhecimento repassado ao longo de gerações nas suas famílias e a existência do “Erva Vida” desencadeou mudanças em vários aspectos da vida dessas mulheres, inclusive nos sociais” (MONTEIRO, SOUZA e BARBOSA, 2012, p. 13).

Ao adquirirem um terreno e edificarem uma casa para funcionar como espaço para a produção de remédios artesanais, esse espaço passou a ser um espaço para a troca do conhecimento entre elas, além de ajudar no complemento da renda familiar. “A maioria das mulheres afirma ir ao Espaço principalmente por terem tempo livre ou se sentirem sozinhas em casa” [...] O Espaço “Erva Vida” é mais do que um lugar de trabalho para essas mulheres de Marudá. É um espaço de integração dessas mulheres (MONTEIRO, SOUZA e BARBOSA, 2012, p. 13-14).

Ao se estudar o espaço físico para a produção de remédios artesanais, observa-se subjetividades que remetem a uma diversidade sobre a concepção de espaço, requer definir antes, sobre qual tipo de espaço foi referido. Para isto, faz-se necessário pensar primeiramente na questão conceitual, já que é um termo polissêmico.

O pesquisador Milton Santos (1977) entende que:

O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos, são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social (SANTOS, 1977, p. 92).

Nesse seguimento, Yi-fu Tuan (2013), com formação em geografia humana, vai mais além, pois considera ‘espaço’ e ‘lugar’ termos familiares que indicam experiências comuns. Para o autor, as relações que se estabelecem entre espaço e lugar têm a ver com o seu significado. Conforme Tuan (2013) ‘espaço’ é mais abstrato do que ‘lugar’, ou seja, espaço é liberdade enquanto que lugar é segurança. Dessa forma, define que:

O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locacionais do espaço. As ideias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço e vice-versa. Além disso, se pensamos o espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (TUAN, 2013, p. 6).

Observando as ideias de Santos (1977) e de Tuan (2013) entende-se que os espaços possuem significados diversos, que passam por questões materiais, físicas e questões subjetivas atravessadas por sentimentos de afeto e de memórias. Comparando as ideias dos autores às experiências das mulheres que compartilham o Espaço “Erva Vida”, compreende-se também que elas criaram uma relação de pertencimento ao local de trabalho, que passa pela autoestima, pela independência financeira e, sobretudo, pela interação entre si. Nazaré Sá (2018), diz que: “Aqueles que vem pra cá tem um espaço para conversar sobre mulher”. O relato de Nazaré possibilita perceber que o Espaço “Erva Vida” é um lugar de trocas de saberes e de experiências vivenciadas no ambiente feminino. Maria do Carmo dos Santos (2018) fala: “A gente se sente bem no espaço”. A declaração de Maria do Carmo mostra ser agradável estar no local.

Pode-se dizer assim, que uma obra arquitetônica deve levar em conta a segurança, ventilação, iluminação e a praticidade na distribuição espacial da edificação, mas deverá observar, sobretudo, o desejo, a necessidade e a relação afetiva de seus moradores. A “Arquitetura é a arte de construir para atender aos desejos da sociedade” (GUEDES, 2006, p. 26)

Desta forma é possível dizer que a arquitetura possui uma função social, expandindo-se entre as pessoas. Segundo estudos da arquiteta Maria Luisa Trindade Bestetti (2014) a arquitetura deve preservar as histórias de cada indivíduo que usufruirá do ambiente.

(...) buscando seu bem-estar, conforto e segurança. Compreende espaços abertos e fechados, cobertos ou não. Com exemplos marcantes ao longo da história, os arquitetos têm desenvolvido soluções que, juntamente com os avanços tecnológicos, proporcionam condições para a constante busca desse ideal. (...) demonstrando que a arquitetura dos espaços pode expressar sentimentos, além de cumprir sua função básica de abrigar. O ambiente onde estamos inseridos, seja ele construído ou não, emite estímulos que podem nos agradar ou desagradar, gerando sensação de desconforto se houver grande disparidade com os limites do nosso corpo. Além disso, a bagagem cultural do indivíduo determinará o que lhe é agradável ou não, pois as escolhas dependem da história de cada um. (BESTETTI, 2014, p. 601).

Assim a arquitetura deve priorizar ambientes carregados de sentimentos, sensações e histórias das pessoas, deve realizar projetos que empreguem a personalidade de quem irá interagir com eles.

Quando falamos em ambiência, pensamos em humanização por meio do equilíbrio de elementos que compõem os espaços, considerando fatores que permitam o protagonismo e a participação. Pressupõe o espaço como cenário onde se realizam relações sociais, políticas e econômicas de determinados grupos da sociedade, sendo uma situação construída coletivamente e incluindo as diferentes culturas e valores. (...) Para melhor compreensão da sua abrangência, podemos afirmar que não é composto somente pelo meio material onde se vive, mas pelo efeito moral que esse meio físico induz no comportamento dos indivíduos. O estudo da ambiência desejada para cada situação de espaço, em qualquer escala, traz subsídios importantes para o entendimento das condições físicas e emocionais do bem-estar subjetivo, e nisso se consideram os estímulos ao comportamento dos sujeitos inseridos nesse contexto, aprimorando seu relacionamento. Mas, a ambiência não é somente espaço físico, é também encontro entre os sujeitos, propiciado pela adequação das condições físicas do lugar e pelo exercício da humanização. (BESTETTI, 2014, p. 601).

A ambiência tratada pela autora passa por questões subjetivas do indivíduo, ou do grupo, envolve valores culturais, que ultrapassam a materialidade do espaço físico. A ambiência pressupõe humanização dos espaços, a partir do equilíbrio dos elementos distribuídos. Pode-se dizer, então, que a ambiência é o estudo aplicado à arquitetura, que possibilita observar o equilíbrio entre condições físicas da edificação e emocionais da moradora ou do morador. Neste sentido se pode dizer que a ambiência está diretamente ligada à noção de conforto defendido por Schmid (2005) especialmente porque o autor fala das diferentes formas de se entender e de se viver o que se chama de um ambiente confortável.

Conforto é a condição de bem-estar relativa às necessidades do indivíduo e sua inserção no ambiente imediato. Envolve não somente a eleição de critérios térmico, acústico, visual ou ainda químico, mas também o acréscimo de emoção e prazer, atribuindo-lhe um caráter holístico, já que o ambiente construído é um anteparo existencial, sendo abrigo para o corpo e para a alma.

(BESTETTI, 2014, p.602 apud SCHMID, 2005, p. 21-26).

Nessa perspectiva é que se buscou compreender a qualidade ambiental do espaço e do lugar onde as mulheres erveiras estão inseridas e como se dá o trabalho de produção artesanal considerando as diferentes maneiras de experienciar e interpretar o espaço e o lugar como imagens de sentimentos complexos.

2.1.3 Sobre o processo de produção de remédios artesanais realizados pelo “Erva Vida”: breve relato.

Todas as mulheres que compõem o grupo conhecem minuciosamente a cadeia produtiva dos remédios artesanais. Para efeito acadêmico, a descrição a seguir é baseada, em grande parte, no relato de Nazaré Sá (2020). As informações sobre o processo de produção são necessárias ao presente estudo, para que se possa compreender a relação das erveiras com as plantas medicinais, ter uma melhor amplitude sobre o processo produtivo dos remédios artesanais e, sobretudo, obter mais informações sobre as etapas, percurso e os espaços utilizados por elas para a realização dos remédios, desde a seleção, lavagem, secagem, corte, retirada das folhas, raízes, óleos, cocção, misturas, embalagens, transporte, armazenamento, até a chegada às estantes de venda na loja.

A descrição de Nazaré Sá possibilitou pensar os espaços de acordo com as atividades que elas desenvolvem e a necessidade de melhoramento nas práticas de higienização, conservação e de armazenamento dos produtos naturais utilizados na produção dos remédios. O relato da erveira Nazaré foi imprescindível para a compreensão da necessidade da otimização dos balcões para o processo de corte, seleção e pesagem. Observou-se ainda a necessidade de colocação de armários para guarda de materiais e utensílios usados no laboratório e na sala de produção. Percebeu-se também a necessidade de instalação de sistema de um exaustão para tornar o conforto térmico do ambiente mais agradável, além de limpar possíveis resíduos de cascas e raízes processadas e/ou de produtos como álcool.

Para a produção dos remédios artesanais, as erveiras coletam algumas plantas que são cultivadas no horto medicinal do Espaço “Erva Vida” e nos quintais de suas próprias casas.

Plantas como o jambu¹¹, o gergelim¹², a urtiga¹³ e a pimenta¹⁴, são cultivadas nos quintais. Outros tipos de plantas são cultivados no horto medicinal do “Erva Vida” como a hortelã¹⁵, a babosa¹⁶, o elixir paregórico¹⁷ e o amor crescido¹⁸. Entretanto, essas plantas não são encontradas em abundância nesses locais, levando as erveiras a comprar em outros locais como no município de Belém/Pa. Principalmente as plantas que já foram desidratadas.

Interessante notar que, as plantas como a babosa, utilizada como base de produtos elaborados pelas erveiras não nasceram em território brasileiro, mas se adaptaram ao clima e, portanto, estão incorporadas à tradição amazônica, possibilitando diferentes modos de se consumir os bens da natureza. Seja ela transformada em medicamento ou em produtos de estética e cosmética. Observa-se, então que essa simbiose agregada ao cultivo da babosa aproxima culturas de espécies florísticas. Assim como no caso de outras plantas que vieram de lugares distantes como a mangueira, que se adaptaram à região, passando a compor a nova reconfiguração geográfica de cidades, a nova paisagem e a novas formas de consumo.

A produção dos remédios é feita sem qualquer aditivo químico para conservação. É uma

¹¹ *Acmella oleracea* (*Spilanthus acmella*) var *uliginosa* (Sw.) Baker é utilizada na medicina popular contra dor de dente e ferimentos na boca, pois tem ação anestésica devido à presença do constituinte espilantol. Disponível em: <<https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/103/102>>

¹² É uma planta de grande valor econômico e com um enorme mercado potencial, pois a sua semente contém cerca de 50% do peso em óleo de excelente qualidade, que pode ser utilizado na fabricação de margarinas, cosméticos, perfumes, sabão, tintas, remédios e lubrificantes. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/262744/cultura-do-gergelim-sesamum-indicum-l-no-nordeste-do-brasil>

¹³ *Urtica dioica* L transformou-se em uma fonte da medicina popular para o tratamento de muitas doenças, dentre as principais indicações de uso para diabetes e para reumatismo. Disponível em: <http://florien.com.br/wp-content/uploads/2016/06/URTIGA-1.pdf>

¹⁴ Entre as tantas pimentas conhecidas, estão as do gênero *Capsicum*, da família Solanaceae: *Capsicum baccatum*, *Capsicum annuum*, *Capsicum frutescens*, *Capsicum chinense* e *Capsicum pubescens*. Os frutos são conhecidos por um grande número de nomes populares, com destaque para pimenta vermelha, pimenta dedo-de-moça, pimenta malagueta, pimenta-de-cheiro e pimenta comari. Possuem como característica marcante a presença de capsaicina, a substância responsável pela pungência (ardência) característica, cujo grau varia de acordo com a espécie. Disponível em: http://www.infobibos.com/Artigos/2009_4/pimentas/index.htm.

¹⁵ *Mentha Crispa*. Planta rasteira, aromática, ligeiramente aveludada, distribuída por quase todo o território brasileiro. Há mais de vinte espécies de hortelã, que por seu sabor e aroma refrescantes. Disponível em: <https://saude.ig.com.br/bemestar/guiaplantasmedicinais/hortela/ref1237836135539.html>

¹⁶ *Aloe vera*, a popular babosa ou aloés, é uma planta xerófita, originária do norte da África e Oriente Médio, conhecida por suas inúmeras propriedades terapêuticas desde a Antiguidade, sendo utilizada até hoje em dezenas de aplicações médicas, cosméticas, homeopáticas e nutricionais, amplamente divulgadas pela medicina tradicional e com diversas propriedades fármaco-biológicas comprovadas. Disponível em: <http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/aloe-vera-l-burm-f>

¹⁷ *Ocimum seloi* Benth, da família Lamiaceae, é um subarbusto perene, ereto, ramificado, de 40-80 cm de altura, nativo do Brasil. Suas folhas são simples e opostas. As flores são pequenas, de cor branca, dispostas em racemos terminais curtos. Disponível em: <https://ainfo.cnpia.embrapa.br/digital/bitstream/CNPAT-2010/11580/1/cot-139.pdf>

¹⁸ Família: Portulacaceae. Erva com muitos ramos prostrados com pêlos longos e es-branquiçados. Folhas cilíndricas, suculentas de aproximadamente 2 cm. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icit/19161/2/10.pdf>

produção em pequena escala, inteiramente artesanal. As erveiras também comercializam algumas plantas tanto medicinais, como as comestíveis, além dos remédios artesanais que produzem. Apesar da comercialização dos produtos fabricados pelo “Erva Vida” ser voltada à população marudaense, seus produtos alcançam, por meio do turismo, outros públicos do país e até mesmo, o público estrangeiro. “Nós vendemos pra comunidade de Marudá e para outras pessoas que não são daqui algumas plantas como a ora pro nobis¹⁹ e a taioba²⁰ que servem como alimento e as plantas medicinais como o manjerição e o amor crescido. Quando tem a gente vende”. As erveiras afirmam não gostarem muito de comercializar as plantas medicinais, apesar da demanda por esse produto.

Alguns remédios são feitos com receitas baseadas nas plantas medicinais encontradas mais, abundantemente, na região nordeste e sul do Brasil como o pariri²¹. Esta planta também não é encontrada em quantidade suficiente no horto ou na casa das mulheres, para suprir a demanda de produção. Por esta razão, ela precisa ser comprada em outras regiões. As erveiras também utilizam plantas medicinais que se encontram do outro lado do rio, como relata Nazaré. “A nossa fonte de ervas vem de lá defronte, do rio de Marudá, são principalmente as cascas da andiroba, copaíba, sucuba e verônica”.

“As nossas plantas são de fontes do mato, mas não podem ser retiradas da beira da estrada”, por causa do acúmulo de poluição, produzida principalmente pelo volume de carro que passa no local. É preciso, então, ir à busca de fontes que forneçam produtos mais limpos. Para isso, normalmente elas atravessam para o outro lado do rio à procura de cascas, sementes e raízes. Quase todas as mulheres do “Erva Vida” tem canteiro nos quintais onde cultivam babosa, amor crescido e hortelã, o “vick” do Maranhão. Desta forma pode-se dizer que os cultivos em seus próprios quintais, acabam se tornando outra fonte de plantas limpas sem aditivos químicos.

Em algumas situações as erveiras utilizam as fases da lua como orientação para o plantio

¹⁹ Nome científico: *Pereskia grandifolia*. Espécie arbustiva, de três a seis metros de altura. Suas folhas são verde-escuro, de formato simples e com bordas onduladas, que alcançam até dez centímetros de comprimento. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/flora/noticia/2014/12/ora-pro-nobis.html>

²⁰ Nome científico: *Xanthosoma sagittifolium*. Tanto as folhas quanto os tubérculos são comestíveis. Suas folhas são ricas em vitamina A, cálcio e fósforo. Disponível em: <http://www.esalq.usp.br/cprural/flipbook/pb/pb48/assets/basic-html/page55.html>

²¹ *Arrabidaea chica*. É uma planta trepadeira, com folhas densamente verdes. Suas flores são de cor rosa ou arroxeada. Possui propriedades medicinais e por isso pode ser usado como remédio caseiro. Disponível em: <http://www.pontenova.com.br/index.php/colunistas/ricardo-motta/item/6985-a-erva-medicinal-pariri-e-indicada-contrainfecoes-uterinas-e-anemias>

e colheita das plantas medicinais. A lua mais produtiva é a lua nova, que é quando a lua fica escura. “A lua nova renova tudo, vem tudo novo. Grande parte das nossas ervas são colhidas na lua nova”. Em outras situações acreditam ser mais produtivo seguir as orientações das estações do ano. Algumas ervas, como a sucububa, o ananin²² e o cajuí²³, são colhidas no inverno quando ainda não nasceram as flores, porque essas plantas que dão flores ficam venenosas quando estão floridas. Entende-se assim que os fatores determinantes para a escolha do período de colheita dessas plantas não são necessariamente as estações verão ou inverno e sim, as flores que determinam o melhor momento para a colheita, que deve ocorrer antes mesmo delas nascerem.

Os remédios produzidos pelo Grupo “Erva vida” dividem-se em tinturas, xaropes, garrafadas, óleos, compostos e pomadas, cada produto elaborado no laboratório obedece critérios diferentes de manipulação e embalagem. Alguns produtos são utilizados como base para o preparo de outros remédios como no caso das tinturas que são usadas também no preparo de xaropes e pomadas. Nazaré Sá explica parte do processo produtivo: “Cada produto tem uma etapa, como as tinturas que ficam em infusão, em média, vinte dias, em ambiente bem escuro, são forrados os garrafões com jornal e colocados dentro do laboratório, outras plantas usadas para fazer os xaropes são cozidas tipo um chá e depois acrescentado mel. Desse processo são produzidas muitas garrafadas”. Depois de passarem pelo processamento indicado para cada remédio, eles são armazenados nas embalagens, depois são etiquetados com as informações de cada produto como: o nome da planta medicinal componente do remédio, uso e dosagem, fabricação e data de validade. Um dos remédios de maior produção e circulação é o xarope Gargamel como Nazaré Sá afirma. “Algumas pessoas de Belém encomendam o xarope Gargamel que é o que tem mais saída”.

Para o preparo dos compostos, óleos e pomadas, são misturados com mais de uma tintura que já passaram pela maceração. Para as pomadas, usam as folhas que “são piladas²⁴, maceradas²⁵ e agregadas com o diluente, como a vaselina, que pode ser líquida ou pastosa”.

²² Symphonia globulifera. A seiva (ou látex), enquanto ainda amarela, é usada no combate de reumatismo e dores nos ossos. Disponível em:

http://www.maniadeamazonia.com.br/catalogo_ficha.asp?ArvoreID=34&Desc=Anani-Symphonia-globulifera.

²³ Anacardium humile St. Hil. Fruto (pseudofruto) muito cheiroso, comestível. É ácido, pode ser consumido ao natural ou em suco. A resina da castanha serve para queimar calo e verruga. Disponível em: <https://www.cpap.embrapa.br/plantas/ficha.php?especie=Anacardium%20humile%20St.%20Hil>.

²⁴ Esmagar ou pisar no pilão (peça de madeira): pilar os grãos da farinha. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pilar/>>

²⁵ Dicionário online de Português. Embeber em líquido uma substância: macerar rosas no álcool. Disponível em:

Os óleos reumáticos são extraídos diretamente do coco em um processo simples de fervura após serem higienizados, cortados em pequenos pedaços ou ralados. Após esta etapa, o coco passa por uma fervura em panelas no fogão da sala de preparo, até derreter completamente. Segundo Nazaré Sá, este produto é bastante requisitado como alternativa terapêutica, preferencialmente, pelo público idoso de Marudá e de outras localidades do estado.

Reproduziu-se a seguir, Quadro 03, um folder explicativo, adotado pelo grupo para divulgação de suas atividades, assim como indica os produtos com descrição das plantas utilizadas para seu preparo, com indicação para qual tipo de doença podem ser aplicadas. O material disponibilizado destaca ainda, os cuidados tomados para preservação do meio ambiente como a reposição natural da vegetação. O documento ressalta a aplicação dos saberes adquiridos por meio da ancestralidade nos produtos oferecidos pelo grupo. O folder destaca também a relação do trabalho dessas mulheres com a energia e a força que emanam da natureza.

Quadro 03 – Apresentação dos remédios comercializados pelo Grupo “Erva Vida”



Erva Vida: Medicina Tradicional, conhecimento popular a serviço da saúde

Os produtos do ERVA VIDA são cuidadosamente selecionados, grande parte dos ingredientes é coletado diariamente da natureza, respeitando as fases da lua e a reposição natural da vegetação.

Tudo o que é produzido é acompanhado da força e energia da Mãe Natureza.

Nossas receitas são heranças de nossos antepassados, saberes tradicionais que nos permite cuidar de nossa família e de nossa comunidade.

♦ GARRAFADAS

Da Saúde	Anti-inflamatória, anti-anêmica, combate cistos, miomas, nódulos nos seios. Facilita a gravidez.
Mel Babosa	Inflamações, artrite e artrose. Auxilia no tratamento contra o câncer.
Tônico Energético	Esgotamento físico, mental e sexual. Paralisia facial. Auxilia em processos inflamatórios.
Elixir Saúde dos Rins	Inchaço nas pernas, infecção na bexiga; rins; uretra, ácido úrico, gota. [Diurético]
Elixir Hepático	Inflamações hepáticas, cólica intestinal, limpa o sangue e auxilia no tratamento da dengue.

♦ TINTURAS

Açaíta Cavalão	Coletarol, triglicérides, obediência, úlceras, hemorragia e previne o câncer.
Alho	Gripe, bronquite, pressão alta, vermes, gases intestinais, auxilia em processos inflamatórios.
Anador	Dores e cólicas.
Anuerã	Ameba, diarreia, problemas intestinais e úlceras.
Arnica	Traumatismos, contusões, nevralgias, paralisia, trombose e hemorragias.
Beldo	Problemas digestivos e hepáticos.
Barbatimão	Inflamações, úlceras, hemorragias uterinas, corrimento, colite.
Cáscara Sagrada	Coletarol, diabetes, obediência, prisão de ventre.
Espinheira Santa	Gastrite, úlcera estomacal, gases. [Analgésico, anti-séptico e cicatrizante]
Ginkgo Biloba	Previne a perda de visão e audição; distúrbios de atenção e memória. Combate a catarata, retinopatia diabética, anti-envelhecimento.
Jucá	Gastrite, úlceras, processos inflamatórios, tosse, reumatismo e anemia.
Quebra Pedra	Cálculos renais e biliares. [Purifica o sangue]
Tansagem	Inflamações na garganta; boca; faringe; estômago; intestino; rins; bexiga. [Ajuda a tratar hemorragia]
Unha de Gato	Anti-inflamatório, pneumonia. [Fortalece o sistema imunológico]

♦ POMADAS

Alfacrim	Dor de cabeça, enxaqueca, dores musculares, reumatismo.
Arnica	Contusões e traumatismos.
Baque	Baque, contusões, artrite, artrose, picada de insetos.
Envodioba	Escabiose, frieiras e sarna.
Meracilina	Furúnculos, coceiras.
Sinusite	Sinusite, dor de cabeça, rinite, desobstruidor das vias respiratórias.

♦ COMPOSTOS

Amebicida	Ameba, giardia, cólicas intestinais, diarreia sanguinolenta.
Anti Reumático	Reumatismo, artrite, artrose, gota, ácido úrico.
Bom sono	Insônia, nervosismo, palpitações.
Coletarol	Coletarol 1, depurativo do sangue.
Coração Forte	Pressão alta e palpitações.
Menopausa	Calores, insônia, palpitações, nervosismo, fortalecimento dos órgãos femininos.
Diabético	Diabetes, coletarol, triglicérides e prisão de ventre.
Emagrecedor [Sete Ervas]	Obediência, flacidez, diabetes, prisão de ventre.
Laxativo	Prisão de ventre, cólica e gases intestinais.
Saúde da Próstata	Inflamação da próstata e testículos.
Intestinal	Diarreia, gases e flatulências.

♦ XAROPES

Antianêmico	Estado Anêmico.
Expectorante	Tosse, catarro preso, bronquite.
Gargamel	Inflamação da garganta, tosse, bronquite.
Vegetal	Asma, coqueluche, tosse, bronquite.

Fale conosco: Rua Oxalá Cruz, Marudá - Pará, CEP 65760-000
 Tel: (91) 98858-2660, e-mail: ervavida7@gmail.com
 Visite o nosso site: <https://web.facebook.com/pg/GrupodeMulheresErvaVida>

Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Disponibilizou-se no Quadro 04, a seguir, apresenta-se a composição dos remédios artesanais produzidos no Espaço “Erva Vida”, informações que complementam as informações do material descrito acima.

Quadro 04 – Apresentação da composição dos remédios

TINTURAS	Espinheira santa, arnica, quebra pedra, barbatimão, arnica, transagem, açoita cavalo, assacu, cascara sagrada, pata de vaca, marapuama, sene, arueira, elixir paregórico, mulungu, unha de gato. (Totalizando 17 plantas base para composição)
XAROPES	Alfavaca, jambú, mangueira, hortelã do maranhão, gengibre, anador calêndula, aroeira, eucalipto, sabugueiro, mastruz, pirarucu, transagem, sucupira, casca de cajuí, cascas de pau pereira, abacate, pariri, japana, algodão, casa do cupim, mel e/ou açúcar.
GARRAFADAS	Catingueira, imbiriba, jucá, transagem, verônica, copaíba, canela, algodão, mastruz, súcuba, noz moscada, mel e álcool de cereal, dementes de puru
COMPOSTOS (ÓLEOS E POMADAS)	Alho, azeite de oliva, pimenta malagueta, arnica, arruda, mastruz, losna, assacu, vassourinha de botão, gengibre, espirradeira, copaíba, maracujá, sene, mulungu, açoita cavalo, súcuba, anador, espinheira santa e unha de gato

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

2.2. Aspectos históricos sobre as boticas no uso de plantas medicinais

Ao longo da pesquisa notou-se semelhança entre as atividades desenvolvidas no “Espaço Erva Vida” e nas atividades desenvolvidas nas antigas boticas, surgidas ainda no século XVIII, especialmente, quando se observa a organização dessas boticas quanto ao armazenamento dos insumos e da secagem das plantas. Por esta razão acreditamos ser relevante situar o leitor na história e assim contextualizar, ainda que de forma sintética, os principais aspectos dos usos de plantas medicinais e das boticas usadas para a produção de medicamentos, a partir dos estudos dos historiadores Flávio Edller e Patrícia Maia.

No tempo em que os portugueses iniciaram a colonização do Brasil, a população que aqui habitava era predominantemente de povos indígenas. Esses povos não sofriam de muitas doenças. Devido o contato com o branco os índios foram vítimas de doenças como a tuberculose, varíola e a malária chamadas pelos historiadores de “doenças importadas” [...] trazidas pelos colonizadores europeus, para as quais não tinham defesa imunológica (EDLLER, 2006, p.14).

Segundo Eddler (2006) nos primeiros séculos em que o território brasileiro foi colonizado a sociedade branca europeia não acreditava nas práticas de cura indígena bem como no poder de cura das plantas medicinais existentes no território brasileiro. Buscavam assistência de seus médicos, cirurgiões e barbeiros vindos de Portugal. Só recorriam ao tratamento de suas enfermidades quando seus remédios demoravam chegar da Europa e então, passavam a usar o

²⁶ óleo de copaíba para tratar suas feridas, assim como os indígenas faziam.

Com seus saberes sobre a natureza, os índios indicaram aos colonizadores as novas plantas que poderiam servir para alimento e remédio. Dava-se a fruta do cajá aos doentes com febre. O sumo do caju era usado nas febres e fazia bem ao estômago. Da imbaúba²⁷, o óleo era cicatrizante e as folhas agiam como purgante (EDLLER, 2006 p.26)

Com o avanço da colonização, médicos, mezinheiros²⁸, jesuítas, barbeiros sangradores²⁹, cirurgiões e boticários³⁰ incorporaram dos ameríndios o uso da “botica³¹ da natureza”. Os missionários jesuítas apropriaram-se da medicina indígena assumindo um papel de curandeiros. Foram responsáveis por difundir o uso das plantas medicinais em todo o mundo. Os jesuítas utilizaram a triaga brasilica, uma panaceia composta de elementos da flora nativa, como fonte de renda da ordem jesuítica na Bahia, ganhou fama internacional (EDLLER, 2006, p.17). Os registros que temos sobre a cura e o uso das ervas medicinais não foram feitos pelos próprios indígenas, foram registrados pelos brancos, muitas vezes preconceituosos. Porém, deixaram evidente o uso de ervas medicinais, aos quais recorriam frequentemente (Id. Ibid. 2006, p.24). Eram nas boticas portuguesas que os jesuítas produziam a triaga brasilica para cuidar dos males à saúde. Treze boticários jesuítas se instalaram no Brasil, nos anos de 1600 e outros trinta, no século XVIII, a botica jesuítica do Rio de Janeiro funcionava no morro do

²⁶ O óleo de copaíba extraído das copaibeiras são árvores comuns à América Latina e África Ocidental, sendo encontradas, no Brasil, nas regiões Sudeste, Centro-Oeste e Amazônica. Tais plantas chegam a viver cerca de 400 anos, atingem altura entre 25 e 40 metros de diâmetro entre 0,4 e 4 metros, possuem casca aromática, folhagem densa, flores pequenas e frutos secos, do tipo vagem. As sementes são pretas e ovóides com um arilo amarelo rico em lipídeos. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722009000400016

²⁷ São árvores de 15 m de altura. Caule geralmente com muitas formigas. As folhas estão inseridas nos ramos de forma alterna espiralada e apresentam pecíolos (talos que ligam a folha ao caule) longos e esbranquiçados, com pelos (tricomas) aracnóides (“pelos” semelhantes a teias de aranha). Disponível em <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/81613/1/Oriental-ComTec238.pdf>> Acesso em 20/03/2019

²⁸ No Século XIX, foram considerados como curandeiros. SOARES, Márcio de Souza. **Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial**. Rio de Janeiro: HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE – Manguinhos. 2001, Vol. 8, n.2. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n2/a06v08n2.pdf>> Acesso em 21/03/19

²⁹ Realizavam pequenas intervenções cirúrgicas, tais como: sangrar, aplicar ventosas, extrair balas e dentes. **Barbeiros e cirurgiões: atuação dos práticos ao longo do século XIX**. p.409 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000300003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 19/03/2019

³⁰ O que tem botica, vende drogas medicinais e faz mezinhas. Os boticários são cozinheiros dos médicos; cozem e temperam quando lhes ordenam. MAIA, Patrícia Albano. **Práticas Terapêuticas Jesuíticas no Império Colonial Português: Medicamentos e Boticas no Século XVIII**. Tese de doutorado em História. São Paulo. 2012. p.91 Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26022013-121856/pt-br.php>> Acesso em 07/03/2019

³¹ Espaço onde se praticou a ciência e a arte do medicamento, elaborava-se remédios para curar qualquer perturbação na saúde. MAIA, Patrícia Albano. **Práticas Terapêuticas Jesuíticas no Império Colonial Português: Medicamentos e Boticas no Século XVIII**. Tese de doutorado em História. São Paulo. 2012. p.108 Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26022013-121856/pt-br.php>> Acesso em 07/03/2019

castelo e proviam as boticas da cidade (Id. Ibid. 2006, p.33). As boticas funcionavam também nos Colégios nos estados de São Paulo, Olinda, Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão, Pará. “Todos os principais colégios dos jesuítas tinham boticas, algumas destas alcançaram maior destaque do que outras. Normalmente a botica funcionava no próprio edifício do colégio. Era aberta para a rua, sua entrada era independente da do colégio” (MAIA, 2012, p. 96-97).

A botica era formada por uma sala e um laboratório ou oficina. A primeira tinha a função de loja, era aí que os medicamentos ficavam à disposição do público. Nesse espaço havia, geralmente, uma imagem de Nossa Senhora da Saúde. Na oficina não podiam faltar: a fornalha, a estufa, o alambique de cobre, os almofarizes com suas mãos de ferro e de pedra, além de espátulas, vasos de porcelana, vidro, barro vidrado, e grandes potes. Havia ainda tachos de metal, geralmente latão e uma biblioteca especializada (MAIA, 2012, p. 98-99, apud LEITE, 1953).

Observa-se que até o século XVIII, o modelo de espaços físicos usados como ambientes para a produção dos remédios se caracterizavam como boticas. Eram compostas de espaços onde se praticavam a ciência e arte de fazer medicamentos para os males da saúde física e mental. Os espaços das boticas tinham uma finalidade diferenciada dos demais espaços pela presença das bibliotecas e dos escritórios de curiosidade, ambientes que no mesmo espaço possibilitaram ampliar o conhecimento e a pesquisa. Para Maia (2012) esses espaços funcionam não só como propiciador do conhecimento, mas também para venda de produtos.

As imagens, Figuras 07, 08, 09 e 10, apresentadas a seguir, mostram os espaços onde eram feitas a manipulação e armazenamento, conhecidos como “boticas”, efetuados em países como a Alemanha, Croácia e França, ainda no século XIX. Estes processos ocorriam, porém, há muito tempo, desde o século XVI, e foram absorvidas no período colonial. Estas atividades se mostraram tão eficazes, que se tornaram modelo em praticamente o mundo todo, inclusive pelos espanhóis e portugueses.

A fotografia, Figura 07, descreve os locais onde eram guardadas as ervas para o processo de manipulação e produção dos remédios. Séc. XIX. Alemanha.

Figura 07 – Materiais e a câmara de ervas



Fonte: <https://www.deutsches-apotheken-museum.de/museum/der-arbeitsplatz/apotheken-offizin/>

A Figura 08 descreve onde eram armazenadas as “drogas” que eram produzidas como: gorduras, pomadas, óleos e líquidos utilizados. Final do Séc. XIX. Alemanha.

Figura 08 – Célula de drogas



Fonte: <https://www.deutsches-apotheken-museum.de/museum/der-arbeitsplatz/apotheken-offizin/>

A farmácia, além de poder visitá-la como museu, ainda está aberta ao público para venda de remédios. Em Dubrovnik (Croácia), Figura 09, eles presumem que esta é a terceira farmácia mais antiga em funcionamento no mundo.

Figura 09 – Farmácia do Mosteiro Franciscano de Dubrovnik ano 1317 (Croácia).



Fonte: https://www.dubrovnikcity.com/dubrovnik/attractions/franciscan_monastery.htm

A Figura 10 mostra uma exposição no Museu da Farmácia da Universidade de Montpellier, que recria a atmosfera cotidiana dos mestres de boticário de Montpellier.

Figura 10 – Farmácias séculos XIX e XX (França)



Fonte: <https://www.umontpellier.fr/patrimoine/musees/musee-de-la-pharmacie-albert-ciurana>

2.3. A legislação brasileira sobre plantas medicinais

O conhecimento sobre plantas medicinais tem suas raízes na tradição cultural dos saberes transmitidos por meio da ancestralidade, especialmente dos povos da Amazônia. Como

em Marudá/Pa, onde comunidades organizadas com mulheres tem em sua história atravessada pela relação com plantas medicinais, especialmente, no que diz respeito ao preparo de seus remédios encontrados no município. O trecho do diálogo com a Sebastiana Favacho (2018) esclarece a abundância dos produtos naturais, facilmente, retirados do mato, uma atividade que vem sendo praticada em menor escala, ao longo dos anos, porque algumas mulheres já não conseguem fazer a coleta dos insumos, seja por causa das limitações da idade, ou por causa do medo, em razão da violência que pode acontecer no mato: “A gente tirava do mato verônica, barbatimão³², sucuuba³³, copaíba³⁴, tem tudo nesse mato aí “Em Marudá foram citadas 96 etnoespécies com características medicinais segundo as informantes. Destas, apenas 95 foram identificadas”. (FLOR, 2014, p. 57).

Essa variedade de plantas são características de uma região rica da biodiversidade amazônica. somando com outras regiões o Brasil possui cerca de 20% da biodiversidade mundial, onde 24% dessa biodiversidade são as plantas utilizadas como matéria-prima para a fabricação de fitoterápicos (BRASIL, 2016).

[...] Além de seu uso como substrato para a fabricação de medicamentos, as plantas são também utilizadas em práticas populares e tradicionais, como remédios caseiros e comunitários, processo conhecido como medicina tradicional. Além desse acervo genético, o Brasil é detentor de rica diversidade cultural e étnica que resultou em um acúmulo considerável de conhecimentos e tecnologias tradicionais, passados de geração a geração, entre os quais se destacam o vasto acervo de conhecimentos sobre manejo e o uso de plantas medicinais (BRASIL, 2016, p. 17).

Desde a conferência de Alma-Ata em 1978 onde a Organização Mundial de Saúde (OMS), recomendou aos seus países membros, o uso da medicina tradicional complementar nos sistemas de saúde (OMS, 1978). Políticas públicas vêm sendo implementadas para a promoção à saúde especialmente quando há o interesse pelo resgate do conhecimento ancestral de comunidades e povos tradicionais no tratamento e manutenção da saúde com o uso de plantas medicinais. Portanto, foi promulgada a política pública sobre plantas medicinais e fitoterápicos

³² Árvore de 2 a 8 m de altura, copa arredondada. Nome científico: *Stryphnodendron obovatum* Benth. Tem ação anti-inflamatória, Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/19262/2/8.pdf>

³³ Planta perenifolia, espécie secundária, espécie lactescente com até 16 metros de altura e até 40 cm de diâmetro. Família: Apocynaceae. Nome científico: *Himatanthus sucuuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson. Disponível em: <https://sites.unicentro.br/wp/manejoflorestal/himatanthus-sucuuba-spruce-ex-mull-arg-woodson-sucuuba-verdadeira/>

³⁴ A copaíba é uma árvore da família das leguminosas, encontrada na região tropical da América Latina e África Ocidental. No Brasil, a espécie mais conhecida é a *Copaifera officinalis*, encontrada em abundância na Amazônia. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/a-copaiba.htm>

no Brasil a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC/MS aprovado pela portaria nº 971, de 30 de maio de 2006.

Em, 22 de junho de 2006 foi aprovado o Decreto nº 5.813 que regulamentou a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) com o objetivo de garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e de fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da cadeia produtiva e da indústria nacional. Esta política tem, portanto, como ponto primordial o respeito à diversidade cultural brasileira.

(...) o respeito à diversidade cultural brasileira, reconhecendo práticas e saberes da medicina tradicional, contemplar interesses e formas de uso diverso, desde aqueles das comunidades locais até o das indústrias nacionais, passando por uma infinidade de outros arranjos de cadeias produtivas do setor de plantas medicinais e fitoterápicos [...] as ações decorrentes desta política, [...], serão imprescindíveis para a melhoria do acesso da população aos medicamentos, à inclusão social e regional, ao desenvolvimento industrial e tecnológico, além do uso sustentável da biodiversidade brasileira e da valorização, da valorização e preservação do conhecimento tradicional associado das comunidades tradicionais e indígenas (BRASIL, 2016, p. 18 e 21).

Desta forma a PNPMF/MS, considera a importância do uso de plantas medicinais pela população brasileira a partir do reconhecimento da fitoterapia como terapia complementar nas Unidades Básicas de Saúde. Isso permite uma valorização quanto ao conhecimento popular como afirmam Souza e Barbosa (2016):

(...) valorizar o conhecimento das comunidades tradicionais e estimular a cadeia produtiva do medicamento fitoterápico, abrangendo desde o fornecimento da matéria prima, que prioritariamente deve ser oriunda da agricultura familiar até o desenvolvimento da pesquisa científica e da inovação, sempre com o viés de salvaguarda do patrimônio genético e de valorização da biodiversidade brasileira (SOUZA; BARBOSA, 2016, p. 75).

Esta política possui 17 diretrizes, dentre elas, destaca-se a Diretriz nº 11 que tem por objetivo: Promover a adoção de boas práticas de cultivo e manipulação de plantas medicinais e de manipulação e produção de fitoterápicos, segundo legislação específica. Que dará suporte quanto à elaboração do projeto arquitetônico.

Em conformidade com a PNPMF/MS, existe a Resolução de Diretoria Colegiada/ANVISA/MS– RDC nº 13/2013. Esta Resolução tem como objetivo estabelecer os requisitos mínimos para padronizar a verificação do cumprimento das Boas Práticas de Fabricação de Produtos Tradicionais Fitoterápicos. Esta resolução aproxima-se das atividades realizadas pelas erveiras no “Erva Vida”. Embora a resolução tenha trazido orientações quanto

à produção de fitoterápicos, manteve-se distante das realidades das comunidades que produzem remédios artesanais. No entanto, esta resolução trouxe a definição sobre as boas práticas de Fabricação (BPF), como observa-se a seguir.

O Art. 12º desta resolução trata sobre as boas práticas de Fabricação (BPF) e estabelece que (BPF) é a parte da Garantia da Qualidade que assegura que o Produto Tradicional Fitoterápico é consistentemente produzido e controlado, com padrões de qualidade apropriados para o uso pretendido e requerido pela notificação ou registro. Destaca-se aqui o § 3º que sobre os requisitos das BPF:

III – os fabricantes devem possuir todos os recursos necessários, incluindo: instalações e espaço adequados; armazenamento e transporte adequados; instalações, equipamentos e pessoal qualificado para controle em processo.

Esta definição colaborou com a elaboração do projeto arquitetônico de adaptação do Espaço “Erva Vida”, pois seguiu as orientações da RDC nº 13/ANVISA/MS, acima descrita, que melhor define a conduta para o planejamento arquitetônico que ora se propõe, apesar da implantação de uma Resolução em 2019 do Ministério da Saúde, descrita no parágrafo a seguir.

Em 21 de agosto de 2019, o Governo Federal, por meio do Ministério da Saúde/ANVISA, aprovou a RDC nº 301, que sofreu alterações pela RDC nº 388/ANVISA/MS de 26 de maio de 2020. A RDC nº 301, dispõe sobre as Diretrizes Gerais de Boas Práticas de Fabricação de Medicamentos, revogando a RDC nº 13/2013. Essa nova Resolução traz em seu texto diretrizes muito amplas, que causam maior distanciamento das realidades apresentadas nas comunidades que produzem remédios artesanais. A RDC 301/2019 não especifica as atividades que envolvem a produção de fitoterápicos tradicionais e menos ainda, especifica sobre a produção de remédios artesanais.

Desta forma, optou-se seguir pelas orientações da RDC nº 13/2103 para o encaminhamento da proposta do projeto arquitetônico de adaptação do Espaço “Erva Vida”, que melhor define a conduta para o planejamento arquitetônico que ora propõem-se. O Quadro 05, a seguir, resume as orientações quanto à adaptação ao Espaço “Erva Vida”.

Quadro 05 – Orientações para adaptação do Espaço “Erva Vida”

INSTALAÇÕES
As instalações devem ser localizadas, planejadas, construídas, adaptadas e mantidas para se adequar às operações a serem realizadas.
- O projeto das instalações deve minimizar o risco de erros e possibilitar a limpeza e manutenção, de modo a evitar a contaminação cruzada, o acúmulo de poeira e sujeira ou qualquer efeito adverso que possa afetar a qualidade dos produtos; - A ventilação, deve ser apropriada, de modo a não afetar direta ou indiretamente o Produto Tradicional Fitoterápico durante os processos de fabricação e armazenamento ou o funcionamento adequado dos equipamentos; - As instalações devem ser planejadas e equipadas de forma a oferecer a máxima proteção contra a entrada de insetos, pássaros ou outros animais e garantir o fluxo lógico de materiais e pessoal.

Áreas auxiliares	- As salas de descanso e refeitórios devem ser separadas das áreas de fabricação e controle; - As instalações dos vestiários e sanitários devem ser facilmente acessíveis e apropriadas para o número de usuários; - Os sanitários não devem ter comunicação direta com as áreas de produção ou armazenamento; - As áreas de manutenção devem estar situadas em locais separados das áreas de produção, controle da qualidade e demais áreas;
Áreas de armazenamento	- Devem ter capacidade suficiente para possibilitar o estoque ordenado de várias categorias de materiais e produtos: matérias-primas, materiais de embalagem, produtos intermediários, a granel e produtos acabados, em condição de quarentena, aprovado, reprovado, devolvido ou recolhido, com a segregação e separação apropriadas ou possuir sistema que permita a organização das diferentes categorias e condições; - Devem ser projetadas ou adaptadas para assegurar as condições ideais de armazenamento, e devem ser limpas, secas, organizadas e mantidas dentro de limites aceitáveis de temperatura e umidade; - As áreas de recebimento e expedição devem ser separadas e devem proteger os materiais e produtos das variações climáticas; - Na impossibilidade de separação destas áreas devem ser adotados procedimentos apropriados para evitar misturas; - As áreas de recebimento devem ser projetadas e equipadas para permitir que os recipientes sejam limpos, se necessário, antes do armazenamento; - Os produtos em quarentena devem estar em área restrita e separada na área de armazenamento; - Qualquer outro sistema que substitua a quarentena física deve oferecer níveis de segurança equivalentes; - O armazenamento de materiais ou produtos devolvidos, reprovados ou recolhidos deve ser efetuado em área segregada e identificada.
Área de Amostragem	- Deve haver uma área separada para amostragem de matérias-primas
Área de pesagem	- As salas ou áreas destinadas à pesagem das matérias-primas podem estar localizadas no almoxarifado ou na área de produção, devem ser projetadas exclusivamente para esse fim, possuindo, quando aplicável, um sistema de exaustão que evite a ocorrência de contaminação cruzada³⁵.
As áreas de produção	- As instalações físicas devem estar dispostas, segundo o fluxo operacional contínuo, de forma a permitir que a produção corresponda à sequência das operações de produção e aos níveis exigidos de limpeza; - As áreas de produção e de armazenamento devem permitir o posicionamento lógico e ordenado dos equipamentos e dos materiais, de forma a minimizar o risco de mistura entre diferentes matérias-primas de origem vegetal e evitar a ocorrência de contaminação cruzada - Nas áreas onde as matérias-primas, os materiais de embalagem primários, os produtos intermediários ou a granel estiverem expostos ao ambiente, as superfícies interiores (paredes, piso e teto) devem ser revestidas de material liso, impermeável, lavável e resistente, livres de juntas e rachaduras, de fácil limpeza, permitindo a desinfecção;
Área de controle de qualidade	- Os laboratórios de controle de qualidade devem ser separados das áreas de produção, devem ser planejados para se adequar às operações neles realizadas: Deve existir espaço suficiente para evitar misturas e contaminação cruzada; deve haver espaço de armazenagem adequado para amostras, padrões de referência, solventes, reagentes e registros. - O projeto dos laboratórios deve considerar a adequabilidade dos materiais de construção, prevenção de vapores e ventilação; - Pode ser necessária a utilização de salas separadas para proteger determinados instrumentos de interferências elétricas, vibrações, contato excessivo com umidade e outros fatores externos.

35

<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/anos-antiores/anvisa-alerta-para-perigo-de-contaminacao-cruzada-em-alimentos>

Fonte: RDC nº 13, de 14 de março de 2013. Adaptada, 2020.

Para a concepção da presente proposta, partiu-se de dois significativos pontos de orientação: das diretrizes da RDC nº 13/2013 citada nos parágrafos anteriores deste tópico. Procurou-se ouvir também a experiência das mulheres que vivenciam o Espaço “Erva Vida” cotidianamente, na tentativa de preservar a identidade do grupo e suas práticas no preparo e produção dos remédios artesanais por elas comercializados.

3. DESCRIÇÕES PRELIMINARES E ANÁLISES DOS DADOS

3.1. Análise e diagnóstico dos ambientes

As figuras aqui apresentadas fazem parte da coleta de dados para a pesquisa e mostram diferentes aspectos do espaço físico que podem comprometer a dinâmica produtiva das mulheres na produção dos remédios, bem como a qualidade dos produtos por elas oferecidos. Percebe-se que há um zelo pelos ambientes, que são sempre limpos e decorados com flores de papel, confeccionadas por elas mesmas.

As imagens a seguir, Figuras 11 e 12, referem-se à fachada da casa do Espaço “Erva Vida”, pode-se notar que se encontra edificada com duas estruturas, uma em alvenaria e a outra em madeira. A ideia de permanecer com os elementos em madeira, permite pensar na tradicionalidade das casas dos pescadores marudaenses. Observa-se também, que o prédio passou por pequenas reformas ao longo de sua existência. Entretanto, não foram suficientes para suprir as necessidades demandadas pelas erveiras. Em 2020, as mulheres submeteram uma proposta de parceria junto ao Instituto Clima e Sociedade (ICS) e obtiveram uma verba no valor de \$ 10000, 00 (dez mil reais), os quais foram investidos na colocação de um portão na frente da casa, construíram uma mureta com alambrado para cercar o terreno, como mostra a figura 12. Ainda neste período, foi erguida também, uma caixa d’água no terreno do horto.

Figura – 11: Frente do Espaço “Erva Vida”



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 12 – Mureta, alambrado e portão



Fonte: Arquivo “Erva Vida”.

Percebe-se na Figura 13 que a rua é pavimentada e a presença de luz elétrica, proporciona comodidade às erveiras e aos visitantes do Espaço “Erva Vida”.

Figura 13 – Rua de acesso ao Espaço “Erva Vida”



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

As imagens, Figuras 14 e 15, mostram a recepção do Espaço “Erva Vida”, setor onde são acolhidos os visitantes, compradores e instituições públicas, privadas e organizações não governamentais (ONGs), que buscam informações sobre tratamento da saúde com plantas medicinais e sobre os remédios artesanais, assim como o artesanato vendido no espaço.

Notou-se que esta área encontra-se edificada em alvenaria e a presença de um sistema de transporte de materiais, utilizado no local atualmente. A tecnologia utilizada é bastante simples, composta por um cesto e corda de sisal. A utilização desta mecânica demonstra que houve a resolução de um problema diante da necessidade de repasse de materiais da parte do andar superior para o andar térreo e vice-versa.

Figura 14 – Sala de Recepção dos visitantes (andar térreo)



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 15 – Entrada da loja de remédios e de artesanatos (andar térreo)



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

As imagens, Figuras 16 e 17, são da área interna da loja onde são comercializados os remédios e artesanatos. Observa-se que as estruturas de algumas paredes fazem parte da composição da edificação em madeira, assim como o teto. Apenas o piso e uma parede encontram-se em alvenaria. Percebi também problemas na estrutura das paredes de madeira, que necessitam de reparos, ou mesmo de substituição.

Figura 16 – Loja de remédios e artesanatos (andar térreo) - A



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 17 – Loja de remédios e artesanatos (andar térreo) - B



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

As imagens a seguir, representadas pelas Figuras 18 e 19, mostram a escada, cuja estrutura é em madeira, as fotografias em diferentes ângulos facilitam a observação de algumas limitações deste recurso na composição final do prédio, em relação ao corrimão; à espessura; quantidade e altura dos degraus, além de ser fixada na área externa da edificação. A escada é o

único elemento que possibilita o acesso das trabalhadoras ao andar superior da construção, local onde está a infraestrutura onde ocorrem toda a produção dos remédios, o que pode dificultar em médio prazo a circulação de algumas destas mulheres ao espaço superior da casa, pois algumas delas já apresentam dificuldades médicas de mobilidade para subir escadas.

Figura 18 – Escada de acesso andar superior - A



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 19 – Escada de acesso ao andar superior B



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Nas fotografias a seguir, Figuras 20, 21 e 22, destaca-se os ambientes que mesclam suportes de madeira e alvenaria, como mencionado anteriormente. Neste andar funcionam os setores da produção dos remédios artesanais. Sendo dividido em três ambientes como: a sala de cozimento, lavagem e preparo dos remédios; o laboratório e setor de secagem das ervas; e estoque. O que diferencia dos demais setores é o laboratório, apresentado pelas Figuras 23 e 24, que possuem revestimento em cerâmica em todas as paredes. Percebeu-se também que nesta parte do prédio, os elementos em madeira como paredes, pisos e forro estão desgastados, tanto pela presença de insetos e por causa da umidade. As imagens, Figuras 25 e 26, mostram em diferentes ângulos, o espaço da casa, reservado à secagem e arquivo de documentos, o local é identificado por elas, como sala de secagem e arquivo.

Figura 20 — Porta de acesso à sala de produção dos remédios artesanais



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 21 — Sala de preparo das plantas medicinais: separação, cozimento, lavagem, e embalagem dos remédios - A



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 22 – Sala de preparo das plantas medicinais: separação, cozimento, lavagem, e embalagem dos remédios - B



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 23 – Laboratório - A



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 24 – Laboratório - B



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 25 – Sala de armazenamento de ervas e arquivo de documentos – A



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 26 — Sala de armazenamento de ervas e arquivo de documentos - B



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Nas Figuras 27 e 28 apresenta-se o horto de onde são retiradas algumas plantas medicinais, utilizadas na fabricação de remédios artesanais como: as garrafadas, xaropes, pomadas e tinturas, já descritas acima. Apresenta-se ainda, na imagem, Figura 29, a área utilizada para a primeira lavagem das plantas medicinais. A área apresentada também é utilizada pelas erveiras para a lavagem dos vidros e vasilhames que serão utilizados como embalagem para os remédios prontos. A Figura 30 mostra a área dos fundos do Espaço “Erva Vida” e do horto medicinal.

Figura 27 – Área externa – Horto medicinal - A



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 28 – Área externa – Horto medicinal -



Fonte: Pesquisa de campo, 20

Figura 29 – Área externa – lavagem de plantas e vidrarias



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 30 – Área externa – Horto e fundos do terreno do Espaço “Erva Vida”



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Na imagem, Figura 31, apresenta-se como um dos espaços mais importantes para o grupo. É nesse espaço onde as mulheres do grupo se reúnem para se socializarem

durante o tempo que estão realizando as atividades com as plantas medicinais. Nesse espaço ocorrem diversas atividades como: reuniões, palestras e cursos. Ressaltamos que o Espaço “Erva Vida” como um todo é um local de trabalho, mas é também um local de troca de conhecimento e de interação entre as erveiras.

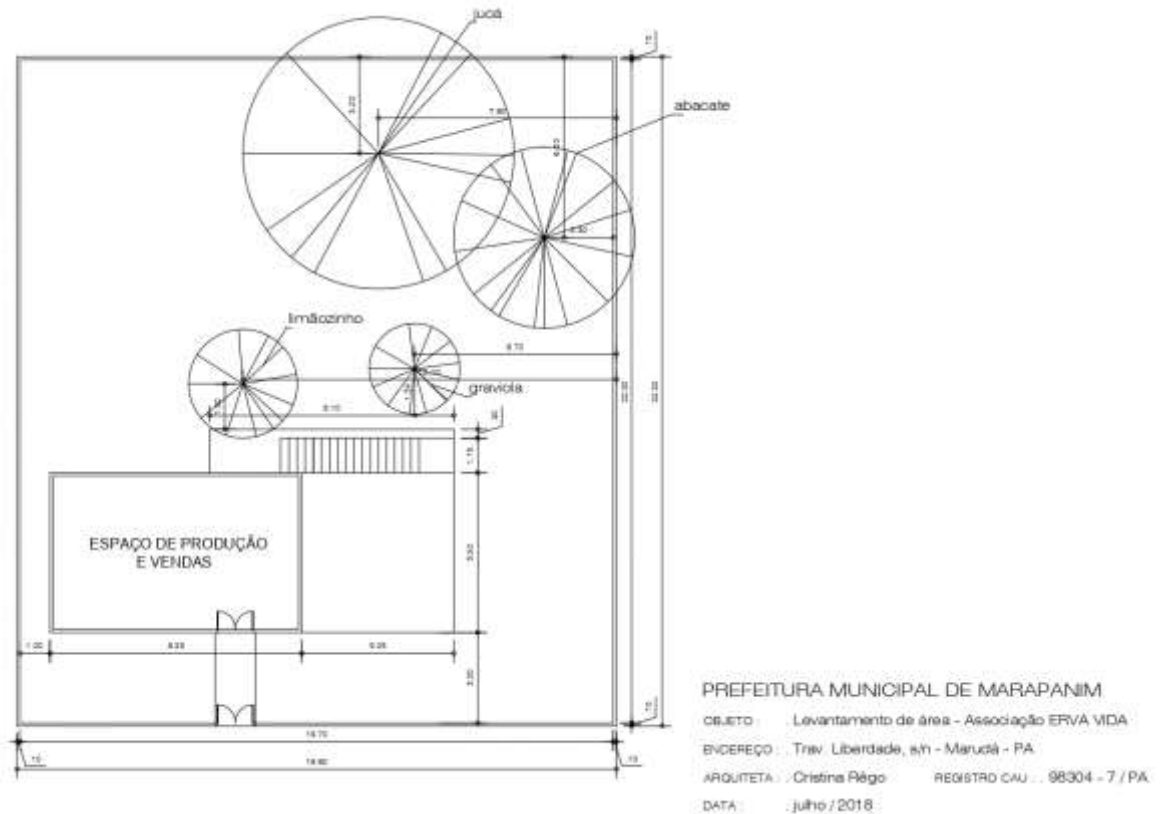
Figura 31 – Espaço para reuniões



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Durante a pesquisa de dados encontrou-se o levantamento de área do Espaço “Erva Vida” a seguir, Figura 32, o levantamento faz parte do projeto submetido ao Fundo Amazônia (BNDES) elaborado pelo grupo de trabalho Grupo de Pesquisa de Plantas Medicinais/CNPq, GEPLAM/LAEF para captar recursos com vistas a implantação no programa de fitoterapia no município de Marapanim/Pa. O projeto na época não conquistou financiamento, no entanto, traz informações básicas e técnicas do espaço físico e também demonstra que houve interesse prévio de ajuste desse espaço. Este trabalho possui pontos positivos, porque disponibiliza elementos arquitetônicos para melhor compreensão dos ambientes da edificação, no entanto, possui pontos negativos tais como: falta do levantamento do andar superior e algumas medidas entre os ambientes e do terreno.

Figura 32 – Levantamento da área do Espaço “Erva Vida” /Fundo Amazônia



Fonte: Projeto submetido ao Fundo Amazônia, 2016.

Chega-se à segunda parte desta proposta, na qual se apresenta as fases do projeto arquitetônico presentes neste trabalho. O memorial descritivo e justificativo, planta de levantamento métrico, planta baixa, cortes, elevação, planta de situação e planta de locação, todas estas ferramentas serão usadas para a realização da obra de adaptação ao Espaço “Erva Vida”.

CONSIDERAÇÕES

A presente dissertação teve como objetivo propor um projeto arquitetônico de adaptação para o Espaço “Erva Vida” visando melhoramentos das instalações prediais, organização e sistematização das atividades de manipulação na produção de remédios artesanais, com a finalidade de obtenção de produtos de qualidade e segurança desde o preparo até a produção final para a comercialização, propiciando a geração de renda e assim contribuindo com o processo de desenvolvimento local. Para a construção do projeto foi necessário adentrar no universo que envolve o trabalho das mulheres pescadoras-erveiras, compreender a cadeia de produção e a relação que estas mulheres estabelecem com os saberes ancestrais.

A casa foi construída há vinte três anos, mantendo atualmente, em sua estrutura, os mesmos materiais construtivos do período inicial, como a madeira nas paredes. Sem recursos para manutenção periódica, as erveiras mantêm a casa com baixo recurso financeiro. Embora tenham recebido algumas reformas ao longo do tempo, os materiais existentes sofrem deterioração prejudicando a produção dos remédios. O grupo, neste intervalo de tempo, apresenta dificuldades em obter parcerias com instituições públicas e privadas para obtenção de apoio financeiro. Os recursos obtidos partem de doações de instituições estrangeiras, da solidariedade de algumas pessoas, da venda dos produtos, ou da participação em editais de fomento.

A nova casa propõe conforto e estímulo pessoal às mulheres, especialmente àquelas que são idosas, que precisam de melhor atenção na acessibilidade nos ambientes onde desenvolvem suas atividades. A proposta sugere ambientes com materiais resistentes como a alvenaria, portas em alumínio e bancadas em concreto, com características diferentes das observadas no contexto da cultura de comunidades pesqueiras, no entanto, a proposta possibilita um ambiente acolhedor e prático e posteriormente, elas darão a identidade amazônica da mulher pescadora-erveira marudaense com a decoração utilizando seus artesanatos.

As regulações vigentes do Ministério da Saúde que regulamentam a construção ou a reforma de laboratórios de farmácias não atende diretamente comunidades que trabalham com produtos artesanais. Por esta razão acredita-se ser necessária a criação de um instrumento que normatize adaptações e/ou construções de espaços destinados à elaboração de remédios artesanais respeitando a cultura, seus saberes e procedimentos. O projeto proposto buscou aproximar-se do modo de vida das erveiras, apropriando-se de algumas formas de expressão e de alguns métodos usados no dia-a-dia dessas mulheres.

Para a concepção da nova casa, utilizou-se critérios do campo da arquitetura e da legislação estabelecida que mudou a disposição dos ambientes e materiais construtivos do projeto original, uma vez que a presente proposta precisa caminhar sob a orientação da lei estipulada. Durante a feitura deste estudo, portanto, observou-se a imposição da legislação que não se aplica ao modo de vida dos produtores de remédios artesanais, que evidencia uma relação de poder hierarquizando os saberes.

A presença da casa mostra a mais de duas décadas, que as mulheres erveiras são muito fortes, que elas querem crescer profissionalmente, ver a casa bem cuidada, manter o empreendimento estável e poder ver seus saberes presentes em todos os ambientes. As mulheres do “Erva Vida” pretendem dar continuidade às práticas de seus saberes repassando-as de geração a geração como aconteceu com elas e atualmente com suas filhas e netas. A casa vem resistindo às intempéries do tempo, do sol, da chuva e à falta de verba para ser reformada. As mulheres erveiras buscam crescer tanto no trabalho, quanto no conhecimento, que ultrapassam os limites do grupo, chegando à academia, às instituições estrangeiras, a outras instituições e para dentro da comunidade. A casa é, portanto, um símbolo de resistência de mulheres que buscam crescer financeiramente e ter autonomia, valorizando sua identidade enquanto mulheres e como erveiras, ampliando relações comerciais e de fomento econômico na localidade em que vivem. As mulheres lutaram e conquistaram espaço no mercado de trabalho e a casa representa esta conquista, por isso não pode ser vista apenas como um empreendimento farmacêutico sem dar importância à história delas.

Para que haja efetiva execução da obra será necessário incluir outros projetos: elétrico, telefonia fixa, hidrosanitário, paisagístico, incêndio, detalhamentos das elevações, cobertura, cortes, especificações técnicas dos materiais e orçamento da obra. Observa-se ainda, a necessidade de complementação com projetos sustentáveis que atendam a economia de água e de energia elétrica, que contribuam para a redução de danos ao meio ambiente. Será necessário também, prever a compra de equipamentos como uma autoclave para esterilização de vidros e de utensílios, equipamentos de proteção individual, que também poderão ser confeccionados por elas mesmas como máscaras, toucas, batas e aventais.

As erveiras enfrentaram diversos desafios desde a fundação do grupo e os problemas acentuam-se com a instalação da pandemia da covid 19, a maioria das mulheres foram contaminadas pelo vírus, provocando desânimo no grupo, causando a redução na produção e venda dos remédios. As dificuldades continuaram com a chegada do período chuvoso, que causa alagamentos, perda de algumas plantas, chegada de insetos e deterioração de materiais

da casa, aparecimento de goteiras, apodrecimentos das paredes de madeira, a queda do muro, infiltração na estrutura da caixa d'água. Alguns destes problemas foram solucionados com a conquista do edital do Instituto Clima e Saúde de enfrentamento à covid-19, em 2020, de onde estabeleceram parceria. As mulheres confeccionaram máscaras de proteção para serem distribuídas entre seus familiares e demais moradores do município. Além da produção de xaropes, que sustentou o funcionamento das atividades no grupo neste período, de modo que possibilitou a retomada das ações no “Erva Vida” ajudando a enfrentar este momento de pandemia, revigorando a autoestima do grupo.

Durante o percurso de estudo verificou-se a necessidade de solidificação e comprometimento com os atuais parceiros do projeto e de encaminhar novos acordos e apoios com entidades públicas, privadas e da sociedade civil que colaborem com apoio técnico e financeiro para com o grupo. Uma vez que o trabalho desenvolvido pelas mulheres pescadoras-erвейras do “Erva Vida” merece reconhecimento estatal como um serviço de valorização da cultura local e pelos serviços de cuidado à saúde das pessoas e fomentam o mercado local.

O novo ambiente proporcionará qualidade de vida e de produção de trabalho para as mulheres que fazem o Grupo “Erva Vida”, proporcionando maior inserção no mercado local, reconhecimento e valorização do trabalho, melhorando a autoestima e consequentemente a capacidade de geração de renda.

A nova casa tem como premissa melhorar a produção dos remédios artesanais produzidos no “Erva Vida” e contribuir para o bem estar laboral das produtoras estimulando o crescimento econômico e a valorização, bem como o reconhecimento do significativo trabalho desenvolvidos por essas mulheres no mercado competitivo e, muitas vezes, desigual entre homens e empresas farmacêuticas.

REFERÊNCIAS

A Farmácia Franciscana de Dubrovnik-Croácia. Disponível em https://www.dubrovnikcity.com/dubrovnik/attractions/franciscan_monastery.htm Acesso em: 12/11/2018.

BARBIERI, R.L.; STUMPF, E.R. Pimentas – muitos tipos, muitas opções. 2009. Artigo em Hypertexto. Disponível em: http://www.infobibos.com/Artigos/2009_4/pimentas/index.htm. Acesso em: 20/08/2020.

BARBOSA, W. L. R.; SOUZA A. E. **Conhecimento tradicional e uso de plantas medicinais: uma revisão teórica**. In: MORAES, Sérgio C. (org.) Conhecimentos Tradicionais: discussões e desafios. Belém: NUMA/UFPA, 2016.

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

BARATA, L. E. S. Et all. Plantas Medicinais Brasileiras. II. *Portulaca pilosa* L. (Amor-crescido). Estado da Arte, 2013. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19161>. Acesso em: 16/10/2020.

BASTOS, M. S. C. B. **Turismo de saúde: saberes e remédios caseiros para o Desenvolvimento Local na Comunidade do Sossego/Marapanim- PA**. 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado) em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente. Belém, 2016. [BELTRÃO, N. E. M.; FREIRE, E. C.](#) Cultura do gergelim (*sesamum indicum* L.) no nordeste do Brasil. **Embrapa**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/262744/cultura-do-gergelim-sesamum-indicum-l-no-nordeste-do-brasil>. Acesso em 25/10/2020

BESTETTI, M. L. T. Ambiência: espaço físico e comportamento. **Rev. bras. de geriatria e gerontologia**. vol.17 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232014000300601&script=sci_arttext Acesso em 19/08/2020

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução – RDC Nº 13, de 13 de março de 2013. **Dispõe sobre as Boas Práticas de Fabricação de Produtos Tradicionais Fitoterápicos**. Brasília, DF, 2013. Disponível em http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/3816678/RDC_13_2013_.pdf/424b6414-b2db-4d23-80c6-edb4a6c453b0 Acesso em: 02/07/2018. revogada pela RDC nº 301/2019, alterada pela RDC nº 388/2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução – RDC Nº 301, de 21 de maio de 2019. **Dispõe sobre as Diretrizes Gerais de Boas Práticas de Fabricação de Medicamentos**. Brasília, DF, 2019. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-rdc-n-301-de-21-de-agosto-de-2019-211914064>> Acesso em 10/06/2019

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução – RDC Nº 388, de 26 de maio de 2020. **Altera a Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 301, de 21**

de agosto de 2019, que Dispõe sobre as Diretrizes Gerais de Boas Práticas de Fabricação de Medicamentos. Brasília, DF, 2013. Disponível em <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-de-diretoria-colegiada-rdc-n-388-de-26-de-maio-de-2020-258909630>> Acesso em 13/12/2019

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Alerta para perigos de contaminação cruzada em alimentos**. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/anos-anteriores/anvisa-alerta-para-perigo-de-contaminacao-cruzada-em-alimentos>> Acesso em: 02/07/2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/marapanim/panorama> Acesso em: 03/09/2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos – PNPMF**. Brasília, DF, 2016 Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_programa_nacional_plantas_medicinais_fitoterapicos.pdf Acesso em: 03/08/2018.

CARNEIRO, F. Árvores do bosque: ananin. Disponível em: http://www.maniadeamazonia.com.br/catalogo_ficha.asp?ArvoreID=34&Desc=Anani-Symphonia-globulifera Acesso em: 20/05/2019

CARDOSO, A. C. P.; LOPES, I. F. A.; BARBOSA, W. L. R. **Plantas medicinais: O saber e o fazer na produção de fitoterápicos sob o enfoque do desenvolvimento local**. In. IX Colóquio Organizações, Desenvolvimento e Sustentabilidade. **Belém: UNAMA, 2018. v. 9**. Disponível em <http://revistas.unama.br/index.php/coloquio/article/view/1186/pdf> Acesso em: 18/09/2018.

CARVALHO, L. T. de; GOMES, J. I.; MARGALHO, L.; MARTINS-DA-SILVA, R. C. V.; GAGLIOTI, A. L. **Conhecendo espécies de plantas da Amazônia: Imbaúba-vermelha (*Cecropia palmata* Willd – urticaceae)**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2012. 3 p. (Embrapa Amazônia Oriental. Comunicado técnico, 238). Disponível em: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/81613/1/Oriental-ComTec238.pdf> Acesso em: 20/03/2019.

Catálogo Brasileiro de Hortaliças. Taioba, p. 55. Disponível em: <http://www.esalq.usp.br/cprural/flipbook/pb/pb48/assets/basic-html/page55.html>. Acesso em: 10/06/2020.

Compêndio Online Gerson Luiz Lopes. Laboratório de Manejo Floresta. Disponível em: <https://sites.unicentro.br/wp/manejoflorestal/himatanthus-sucuuba-spruce-ex-mull-arg-woodson-sucuuba-verdadeira/> . Acesso em: 10/06/2020.

Dicionário online de Português. Esmagar ou pisar no pilão (peça de madeira): pilar os grãos da farinha. Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/pilar/>>Acesso em: 17 /09/2020

Dicionário online de Português. Embeber em líquido uma substância: macerar rosas no álcool. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/macerar/>> Acesso em: 17 /09/2020

DIEGUES, A. C. A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil: Uma síntese histórica. **Revista Etnográfica**, Vol. 3, nº 1, Lisboa, Portugal. 1999. Disponível em <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_361-376.pdf> Acesso em

EDLLER, F. C. **Boticas e Pharmacias : uma história da farmácia no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

EMBRAPA. Base de dados plantas do Pantanal. Disponível em: <https://www.cpap.embrapa.br/plantas/ficha.php?especie=Anacardium%20humile%20St.%20Hil>. Acesso em: 17 /09/2020

FAVORETO, R.; GILBERT, B. *Acmella oleracea* (L.) R. K. Jansen (Asteraceae) – Jambu. **Revista Fitos**, Vol. 5, nº 01, março de 2010. Disponível em <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/103/102>. Acesso em:

FIGUEIREDO, B. G.: **Barbeiros e cirurgiões: atuação dos práticos ao longo do século XIX**. História, Ciências, Saúde Manguinhos, VI(2): 277-91, jul.-out. 1999p.409 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000300003&lng=pt&nrm=iso Acesso em 19/03/2019.

FLOR, A. S. S. O. **Fitoterapia Popular do Bairro do Sossego Distrito de Marudá-(PA)**. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado) em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente. Belém, 2014.

Florien.fitoterapia. Urtiga. Disponível em: <http://florien.com.br/wp-content/uploads/2016/06/URTIGA-1.pdf>. Acesso: 25/03/2019.

GUEDES, J. **MONUMENTALIDADE X COTIDIANO: a função pública da arquitetura**. M.D.C: Mínimo Denominador Comum, Belo Horizonte/Brasília, n.3, 31/03/2006. Disponível em: <https://revistamdc.files.wordpress.com/2008/12/mdc03-txt05.pdf> . Acesso em: 25/06/2020

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas.SA, 2008.

Grupo de Mulheres Erva Vida. **Relatório referente à submissão no edital de apoio emergencial do enfrentamento à COVID 19**. Marudá/Marapanim-PA, 2020. Instituto Clima e Saúde. ISC

Guia de plantas Saúde e bem estar. Hortelã. Disponível em: <https://saude.ig.com.br/bemestar/guiaplantasmedicinais/hortela/ref1237836135539.html>. Acesso em 10/10/2020.

Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta – HUNI. UFRJ. Disponível em: <http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/aloe-vera-l-burm-f> Acesso em: 10/10/2020

JUNIOR, R. F. S. **PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS NO MUNICÍPIO DE MARAPANIM-PA: qualificação as atenção básica e desenvolvimento local**. 2013. 89 f. Dissertação (Mestrado) em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente. Belém, 2015. http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/7636/1/Dissertacao_PlantasMedicinaisFitoterap

[icos.pdf](#). Acesso em: 28/10/2020

MAIA, P. A. **Práticas Terapêuticas Jesuíticas no Império Colonial Português: Medicamentos e Boticas no Século XVIII**. Tese de (Doutorado) em História Social. São Paulo. 2012. p.91 Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26022013-121856/pt-br.php> Acesso em: 07/03/2019.

MANUAL DE ESCOPO DE PROJETOS E SERVIÇOS DE ARQUITETURA E URBANISMO – ASBEA. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.manuaisdeescopo.com.br/manual/arquitetura-e-urbanismo/#2>. Acesso em: 16/09/2020

MATOS, A. K. M. G. **Biometria e Morfologia de Attalea maripa** (Aubl.) Mart. (INAJÁ) Em Sistema Silvopastoril no Nordeste Paraense. 2010. 90 f. Dissertação (Mestrado) em Ciências Florestais. Local na Universidade Federal Rural da Amazônia. Belém, 2010.

MONTEIRO, M. M. **Papel das plantas medicinais na questão de gênero das mulheres pescadoras-erveiras do Espaço Erva Vida Sossego/Marudá/Marapanim**. 2011. 100 f. Dissertação (Mestrado) em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente. Belém, 2011.

MONTEIRO, M. M. et. all. **Etnofarmácia: Saberes e Gêneros**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

MASSAMBA, S. F. P. et. all. **Influência do conhecimento tradicional na pesca artesanal no município de Marapanim** In: MORAES, Sérgio C. (org.) Conhecimentos Tradicionais: discussões e desafios. Belém: NUMA/UFPA, 2016.

MORAES, S. C. **CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NA PESCA ARTESANAL**. Ateliê Geografico. Goiania, Go, v. 5, n. 14, p. 89-106, ago. 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/ANA%20C%C3%89LIA/Downloads/CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NA PESCA ARTESANAL - DO.pdf](file:///C:/Users/ANA%20C%C3%89LIA/Downloads/CONHECIMENTOS_TRADICIONAIS_NA_PESCA_ARTESANAL_-_DO.pdf). Acesso em: 17/10/2019

MOTTA, R. A. ERVA MEDICINAL PARIRI É INDICADA CONTRA INFECÇÕES UTERINAS E ANEMIAS. **Ponte Nova on line**, 2018. Disponível em: <http://www.pontenova.com.br/index.php/colunistas/ricardo-motta/item/6985-a-erva-medicinal-pariri-e-indicada-contrainfeccoes-uterinas-e-anemias>, Acesso em 10/10/2020

ISER, B. P. Moehlecke et all. Definição de caso suspeito da COVID-19: uma revisão narrativa dos sinais e sintomas mais frequentes entre os casos confirmados. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ress/v29n3/2237-9622-ress-29-03-e2020233.pdf> Acesso em 10/10/2020

Museu Alemão da Farmácia no Castelo Heidelberg (Alemanha). Disponível em <https://www.deutsches-apotheken-museum.de/museum/der-arbeitsplatz/apotheken-offizin/> Acesso em: 10/11/2018.

Museu da Pharmacia Albert Ciurana (França) Disponível em <https://www.umontpellier.fr/patrimoine/musees/musee-de-la-pharmacie-albert-ciurana> Acesso em: 12/11/2018.

Mundo da Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/a-copaiba.htm>. Acesso em 10/07/2020

PEREIRA, Magnum de Sousa. **Manual Técnico: Conhecendo e produzindo sementes e mudas da caatinga**. Fortaleza: associação Caatinga, 2011. Disponível em: <https://www.acaatinga.org.br/wp-content/uploads/ManualT%C3%A9cnicoProdu%C3%A7%C3%A3odeSementeseMudas.pdf>. Acesso em 21/03/19.

PEREIRA, R. C. A; MOREIRA, M. da R. Recomendações de Cultivo de Elixir Paregórico (*Ocimum selloi* Benth). **Comunicado técnico on line**. 139. Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CNPAT-2010/11580/1/cot-139.pdf> Acesso em: 14/11/2019

PIERRE, F. A. Óleo de copaíba (*Copaifera* sp.): histórico, extração, aplicações industriais e propriedades medicinais. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, vol.11 no.4 Botucatu, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722009000400016. Acesso em: 01/08/2020

PINHEIRO, A. C. **Diretrizes para a criação de um Arranjo Produtivo Local de Plantas Medicinais e Fitoterápicos em Marapanim-Pa**. 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado) em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente. Belém, 2018.

Plataforma AGENDA 2030. Disponível em <http://www.agenda2030.com.br/ods/9/> Acesso em: 21/02/2019.

SERRA, G. G. **Pesquisa em arquitetura e urbanismo**: Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós graduação. São Paulo: Edusp Mandarim, 2006.

SANTOS JR, R. F. **Plantas medicinais e fitoterápicos no município de Marapanim-PA: qualificação da atenção básica e desenvolvimento local**. 2015. 89 f. Dissertação (Mestrado) em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente. Belém, 2015.

SANTOS, M. A. **Sociedade e Espaço**: a formação social como teoria e como método. Universidade de Columbia, New York. 81-100, JUNHO 1977.

SILVA, C. G. **Perspectivas de Desenvolvimento Local Sustentável a partir da Apropriação do saber Local: uma análise a partir da experiência de planejamento do grupo de mulheres Erva Vida, em Marapanim/PA**. 2013. 94 f. Dissertação (Mestrado) em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente. Belém, 2013.

SOARES, M.; S. **Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial**. Rio de Janeiro: HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE – Manguinhos. 2001, Vol. 8. n.2. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n2/a06v08n2.pdf> Acesso em 21/03/19.

SOUZA, A. E.; BARBOSA, W. L. R. **Conhecimento Tradicional e Uso de Plantas**

Medicinais: uma revisão teórica. In: MORAES, Sérgio C. (org.) Conhecimentos Tradicionais: discussões e desafios. Belém: NUMA/UFPA, 2016.

Trilhas da Esalq; e Plantas Medicinais, Ciagri USP. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/flora/noticia/2014/12/ora-pro-nobis.html> Acesso em 21/03/2020

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VASCONCELLOS, S. M. **Notas Introdutórias sobre Desenvolvimento e Desenvolvimento Territorial.** In: MITSCHKEIN, Tomas A. et. all. (org.) Desenvolvimento Local e o Direito à Cidade na Floresta Amazônica. Belém: NUMA/UFPA, 2013 Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/230/1/Livro_DevelopolvimentoLocalDireito.pdf. Acesso em: 16/05/2019

APÊNDICE A - MEMORIAL DESCRITIVO E JUSTIFICATIVO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE
RECURSOS NATURAIS E DESENVOLVIMENTO
LOCAL NA AMAZÔNIA



ADAPTAÇÃO PREDIAL DO ESPAÇO “ERVA VIDA”: COMUNIDADE DO BOM SOSSEGO MARUDÁ/PA

1. IDENTIFICAÇÃO DO EMPREENDIMENTO.

Proprietário: Grumevi – Grupo de Mulheres “Erva Vida”, com fundação em 13/04/1998

Endereço: Rua Osvaldo Cruz, nº 226, Bairro do Sossego, Marapanim/Marudá/Pará, CEP 68760-00.

Tipo de empreendimento: Associação privada - produção de remédios

Finalidade: Adaptação da sede do Grupo “Erva Vida”

Descrição: Prédio térreo com mais um pavimento, uma área de cultivo de plantas, horto medicinal e uma maloca.

2. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO:

A edificação localiza-se na região litorânea de no Bairro do Sossego/Marapanim/Distrito de Marudá/Pará. Está inserida na área urbana do município, com ocupação predominantemente de uso misto (residências, comércio, pousadas e restaurantes). O entorno é composto por construções de baixo e médio padrão e possui alta intensidade de movimento de automóveis e pessoas apenas no período de veraneio.

3. CONSIDERAÇÕES GERAIS:

O presente memorial tem por objetivo estabelecer requisitos técnicos, definir materiais a utilizar e normatizar a execução da adaptação de um prédio de uso para produção de remédios artesanais com plantas medicinais, com dois (02) pavimentos, tendo como usuárias da edificação cinco (06) mulheres idosas, uma (01) de meia idade, duas (02) adolescentes-jovens e um (01) jovem. A edificação localiza-se à Rua Osvaldo Cruz, nº 226, no bairro do Sossego. O local encontra-se com a arquitetura interna e externa com as mesmas disposições arquitetônicas há 23 anos desde a sua construção. Dispondo-se dos seguintes ambientes

pavimento térreo: uma (01) recepção, dois (2) banheiros, uma (01) loja, uma (01) área de reuniões, uma (01) depósito e uma (01) escada. Pavimento superior: uma (01) sala de preparo, um (01) banheiro, uma (01) circulação, um (01) laboratório e uma (01) sala de secagem de plantas. Área externa ao prédio: um (01) horto, uma (01) área de lavagem e separação de plantas e uma (01) área de eventos (maloca).

4. CONSIDERAÇÕES ESPECÍFICAS:

Objetiva-se desenvolver um projeto arquitetônico de adaptação a partir do recolhimento de dados e do programa de necessidades para planejamento dos ambientes. Após o levantamento métrico realizado na edificação, foi elaborado um projeto de adaptação do prédio, incluindo ambientes novos e alterando os existentes. Mudança da sala de preparo, sala de armazenamento de ervas e do laboratório do segundo pavimento para o térreo, esta mudança ocorreu para melhorar a acessibilidade das mulheres idosas à área de produção que encontra-se no andar de cima, foi previsto a construção de uma escada em concreto armado no formato em “U” com um patamar, ficando os lances da escada suaves para subir e descer. Foi previsto rampas de acesso ao prédio e à maloca em concreto armado. O dimensionamento da escada e das rampas devem seguir as recomendações da norma técnica de acessibilidade NBR 9050.

5. CONSTITUIÇÃO ARQUITETÔNICA DA EDIFICAÇÃO (DISTRIBUIÇÃO INTERNA E EXTERNA):

5.1 Características atuais:

Possui formato retangular, ocupa uma área construída de 146 m² no terreno de área total de 429,46 m², no mesmo terreno existe uma área de cultivo de plantas medicinais e uma área de 200 m² contendo uma maloca com área construída de 54,11 m².

A edificação foi construída em três blocos, sendo dois em madeira e um em alvenaria. O bloco em madeira constitui-se em: piso em cerâmica ou cimentado liso e paredes em madeira (pavimento térreo), paredes e pisos em madeira (pavimento superior). O bloco em alvenaria constitui-se em: paredes em alvenaria e piso revestido e lage de piso em concreto armado revestido (pavimentos térreo e superior). O forro e as esquadrias são em madeira. A circulação vertical para o segundo pavimento ocorre por uma escada em madeira posicionada na área externa parcialmente coberta.

5.2 Adaptações:

Procurou-se distribuir os ambientes conforme o programa de necessidades, de maneira que pudesse respeitar as inter-relações necessárias ao perfeito funcionamento entre os usuários nos

ambientes e nos diferentes setores entre si.

A distribuição dos setores ficou da seguinte forma: comercial, administrativo, serviço e produção, conforme quadro abaixo:

Setor	Ambiente
Comercial	Hall / Recepção
	Loja
	Estoque
	Banheiro (PNE)
Administrativo	Coordenação
	Financeiro
	Almoxarifado
Serviço	Vestiário
	Copa
	DML
	Depósito de ferramentas e cultivo
	Depósito do lixo
	Área de lavagem e separação das plantas
Produção	Sala de preparo
	Laboratório
	Sala de armazenamento de ervas
Área externa	Horto
	Maloca

O prédio adaptado possui planta com formato retangular e ocupará uma área construída 144,99 m². O bloco em madeira foi totalmente desmontado e os serviços do andar superior foram remanejados para o térreo. A escada externa em madeira foi retirada e relocada no centro da edificação. A circulação central, ao longo de seu eixo longitudinal do andar térreo distribui o programa de necessidades organizando os setores afins, com a seguinte configuração:

PAVIMENTO SUPERIOR:

- Sala para coordenação;
- Sala para o financeiro;
- Almoxarifado.

CIRCULAÇÃO:

- Horizontal;
- Vertical (escada).

PAVIMENTO TÉRREO:

- Hall;
- Loja;
- Estoque;

- Vestiário;
- Copa;
- Banheiro para portador de necessidades especiais - PNE;
- Depósito para materiais de limpeza – DML;
- Depósito para guarda de ferramentas e materiais de cultivo;
- Depósito para guarda do lixo;
- Área lavagem e separação de plantas;
- Sala de preparo;
- Laboratório;
- Sala de secagem de plantas.

CIRCULAÇÃO:

- Horizontal;
- Vertical (escada).

ÁREA EXTERNA:

- Horto medicinal;
- Maloca.

6. EQUIPAMENTOS E DISTRIBUIÇÃO:

Os projetos complementares (Elétrico, Hidrossanitário, Incêndio e Ambiental), ao serem elaborados, deverão obedecer o que for previsto no projeto arquitetônico.

7. ESTRUTURA:

O prédio terá sua estrutura em alvenaria de tijolos de barro.

8. MATERIAIS E ACABAMENTOS:

8.1 INTERNAMENTE:

Os ambientes terão pisos revestidos com cerâmica, consoante as orientações do projeto arquitetônico;

As paredes receberão pintura acrílica, na sua maioria e nos ambientes que possuem área molhada serão revestidos com azulejo cerâmico e em alguns casos, completados com pintura acrílica, seguindo as recomendações das normas técnicas vigentes para cada caso;

Todos os materiais de construção e de acabamento específicos deverão preencher os requisitos exigidos por norma específica, dependendo do uso de cada ambiente;

O forro em laje rebocada, será pintado com tinta acrílica. Nos demais ambientes será

executado forro em PVC.

8.2 EXTERNAMENTE:

Todas as fachadas receberão pintura acrílica, com estudos de cores, compondo paginações específicas, cuidando de valorizar e proteger o prédio, como também harmonizá-la ao meio ambiente local.

8.3 URBANIZAÇÃO:

A área livre em volta do prédio será aproveitada para arborização e cultivo.

9. INSTALAÇÕES:

9.1 ELETRICIDADE:

O ramal de entrada de energia elétrica será aéreo, seguindo especificações do projeto complementar correspondente. As instalações elétricas deverão obedecer a NBR 5410 e as normas da concessionária de energia local e recomendações dos equipamentos instalados.

9.2 TELEFONE:

O atendimento do sistema de telefonia deverá ser aéreo a partir da rede de distribuição da concessionária local. As instalações internas serão baseadas nas normas da Telebras e da concessionária local.

9.3 AR CONDICIONADO / EXAUSTOR:

Haverá condicionamento de ar e/ou exaustão, específico para a atividade desenvolvida num dado ambiente, respeitando as normas de conforto ambiental para cada caso.

9.4 HIDRO-SANITÁRIAS:

9.4.1 ÁGUA FRIA:

O abastecimento de água será feito através da concessionária local, que abastecerá o reservatório elevado. As colunas da rede de distribuição predial serão em tubo PVC, rígido seguindo as especificações da ABNT.

9.4.2 ESGOTO:

A rede de esgoto sanitário será em tubulação rígida em PVC, tipo esgoto com efluentes, lançados em fossa séptica e sumidouro. Toda a instalação de esgoto sanitário será projetada com base na NBR 8160

9.4.3 INCÊNDIO:

O sistema de proteção contra incêndio deverá ser projetado com base na NBR 5088 do Corpo de Bombeiros do Estado do Pará.

9.4.4 LIXO:

Os resíduos provenientes dos serviços serão acondicionados na casa do lixo, para posterior

remoção do seu destino.

10. COBERTURA:

A cobertura será em estrutura de madeira e com telhas de barro. Com ventilação cruzada proporcionada pelas aberturas nos lanternins.

11. ESPECIFICAÇÕES DOS MATERIAIS:

Alvenaria: Nas paredes internas e externas será em tijolos cerâmicos vazados com seis furos, chapiscadas e rebocadas, e as paredes de área molhada terão acabamento em revestimento cerâmico. As áreas de parede em pintura deverão ser previamente corrigidas com massa PVA e revestidas com selador.

Revestimento de parede: Deverá ser realizada de acordo com a tabela a seguir:

Setor	Ambiente	Material
Comercial	Hall / Recepção	‘Massa corrida e tinta acrílica
	Loja	
	Estoque	
	Banheiro público PNE	Massa corrida e tinta acrílica; cerâmica de parede
Administrativo	Coordenação	Massa corrida e tinta acrílica
	Financeiro	
	Almoxarifado	
Serviço	Vestiário	Massa corrida e tinta acrílica; cerâmica de parede
	Copa	
	DML	
	Depósito de ferramentas e cultivo	Reboco e tinta acrílica
	Depósito do lixo	
	Área de lavagem e separação das plantas	Massa corrida e tinta acrílica; cerâmica de parede
Produção	Sala de preparo	Massa corrida e tinta acrílica; cerâmica de parede
	Sala de armazenamento de ervas	
	Laboratório	Cerâmica de parede
Circulação	Horizontal	Massa corrida e tinta acrílica
	Vertical	

Revestimento de piso: Deverá ser realizada de acordo com a tabela a seguir:

Setor	Ambiente	Material
-------	----------	----------

Comercial	Hall / Recepção	Cerâmica de piso 0,40x0.40m
	Loja	
	Estoque	
	Banheiro público PNE	
Administrativo	Coordenação	
	Financeiro	
	Almoxarifado	
Serviço	Vestiário	
	Copa	
	DML	
	Depósito de ferramentas e cultivo	
	Depósito do lixo	
	Área de lavagem e separação das plantas	
Produção	Sala de preparo	
	Sala de armazenamento de ervas	
	Laboratório	
Circulação	Horizontal	
	Vertical	
Área externa	Horto	Cimentado liso

Esquadrias: Deverá ser realizada de acordo com a tabela a seguir:

Ambiente	Tipo	Especificação	Comprimento (m)	Altura (m)	Peitoril (m)	Material
Hall/ Recepção	Porta	Porta com 2 folhas	1,76	2,05	-	Madeira
	Porta	2 Portas convencionais	0,80	2,05	-	
Loja	Janela	Janela de correr com 2 folhas	1,50	1,22	1,00	
	Porta	Porta convencional	0,80	2,05	-	
Banheiro PNE	Balancim	Balancim Basculante – 1 folha	0,60	0,72	1,79	
	Porta	Porta convencional	1,05	2,05	-	
Estoque	Porta	Porta convencional		2,05	-	
DML	Porta	Porta convencional	0,70	2,05	-	
Depósito de	Porta	Porta convencional	0,70	1,85	-	Ferro

ferramentas e cultivo						
Depósito do lixo	Porta	Porta convencional	0,60	1,85	-	
Vestiário	Balancim	Balancim Basculante – 1 folha	0,60	0,72	1,79	Madeira
	Porta	Porta convencional	0,70	2,05	-	
Laboratório	Porta	Porta convencional	0,80	2,05	-	Alumínio e visor de vidro
	Janela	Janela Basculante	1,50	1,22	1,00	Alumínio e vidro
Sala de preparo	Porta	Porta convencional	0,80	2,05	-	Alumínio e visor de vidro
	Janela	Janela Basculante	1,50	1,22	1,00	Alumínio e vidro
Sala de secagem de plantas	Porta	Porta convencional	0,80	2,05	-	Alumínio e visor de vidro
	Janela	Janela Basculante	1,50	1,22	1,00	Alumínio e vidro

Forro: Deverá ser realizada de acordo com a tabela a seguir:

Setor	Ambiente	Material
Comercial	Hall / Recepção	Forro PVC
	Loja	
	Banheiro público PNE	
Administrativo	Coordenação	
	Financeiro	
	Almoxarifado	
Serviço	Vestiário	
	Copa	
	DML	
	Depósito de ferramentas e cultivo	
	Depósito do lixo	
Produção	Área de lavagem e separação das plantas	
	Sala de preparo	
	Sala de armazenamento de ervas	
	Laboratório	
Circulação	Horizontal	Laje rebocada e pintada

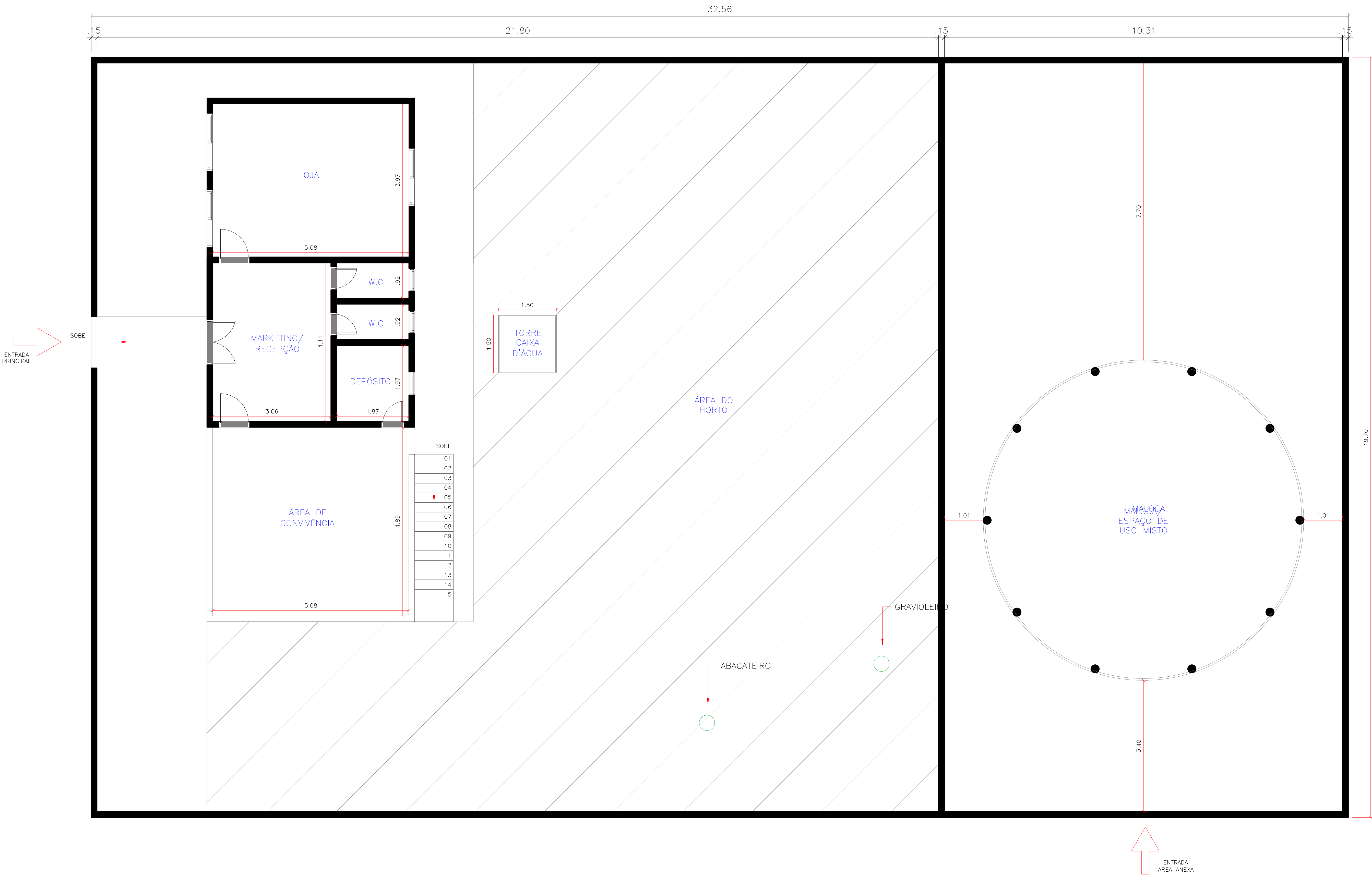
APÊNDICE B – PROJETO ARQUITETÔNICO DE ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO “ERVA VIDA”



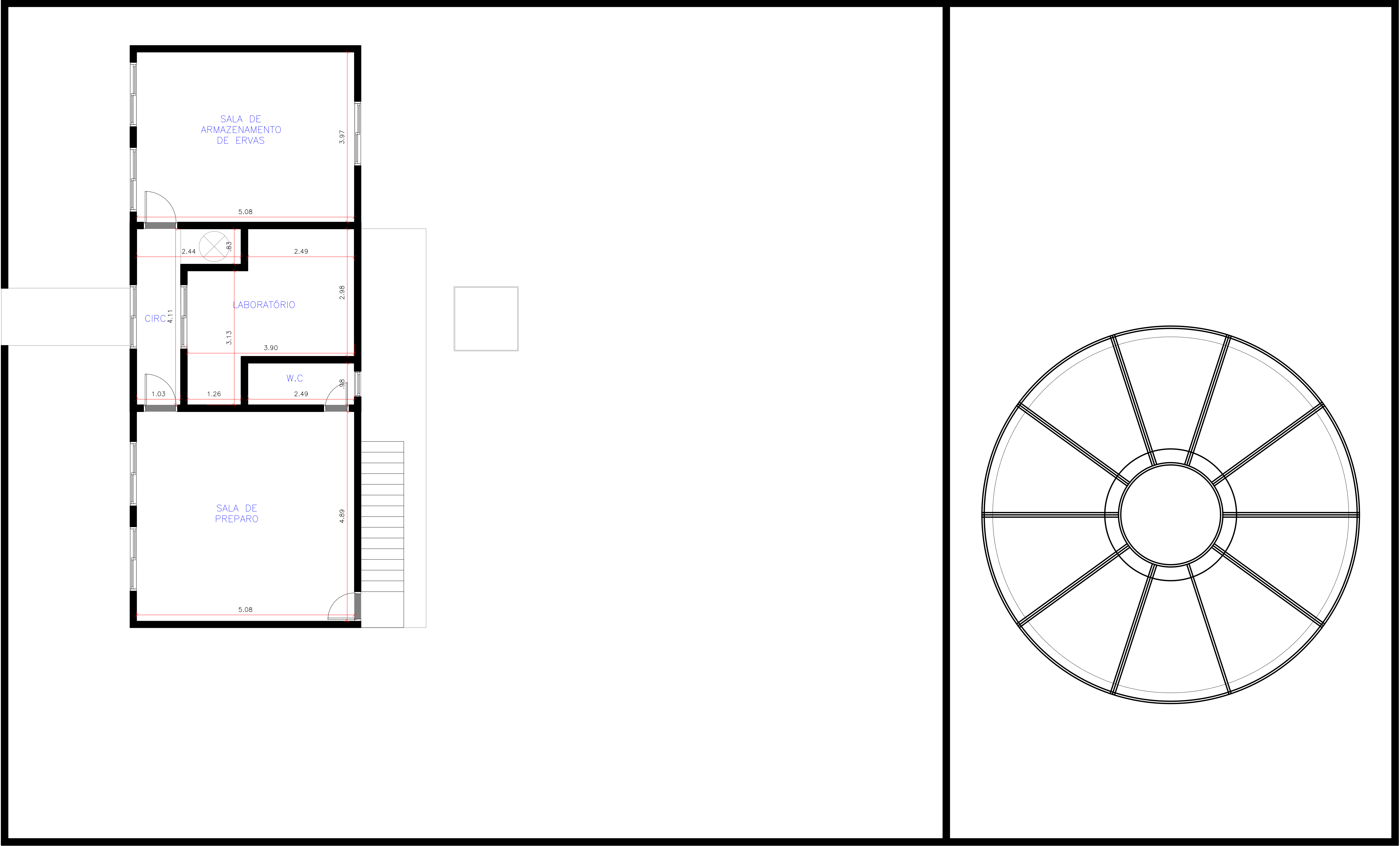
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE
RECURSOS NATURAIS E DESENVOLVIMENTO
LOCAL NA AMAZÔNIA



O projeto arquitetônico apresentado, está no formato da folha recortada da série "A" no formato “A1” com dimensões (594mm x 841mm) na posição horizontal. Obedecendo a NBR 16752. Conforme paginas a seguir.



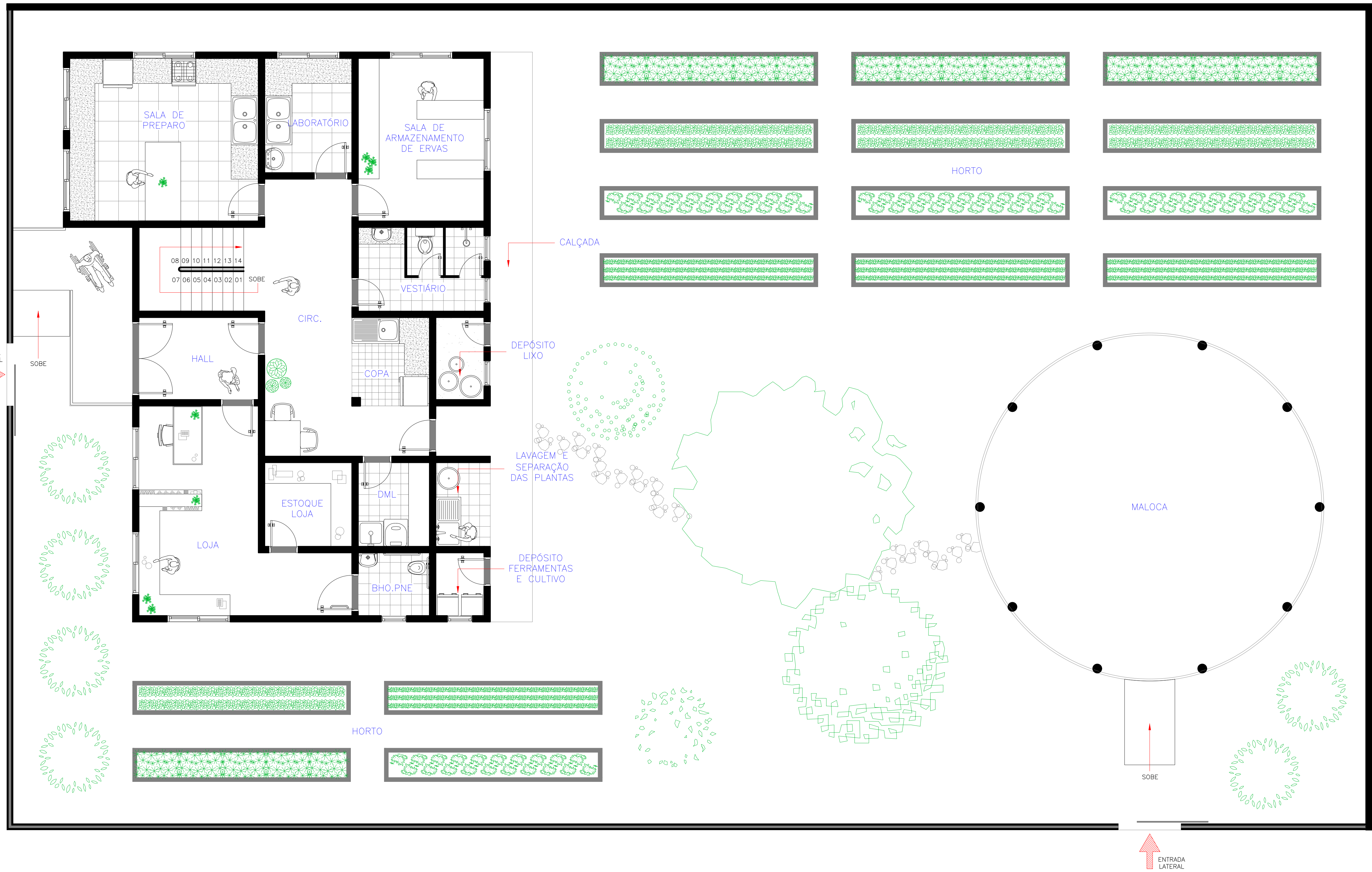
1 LEVANTAMENTO - TÉRREO
ESCALA 1:50



1 LEVANTAMENTO - PAVIMENTO 01

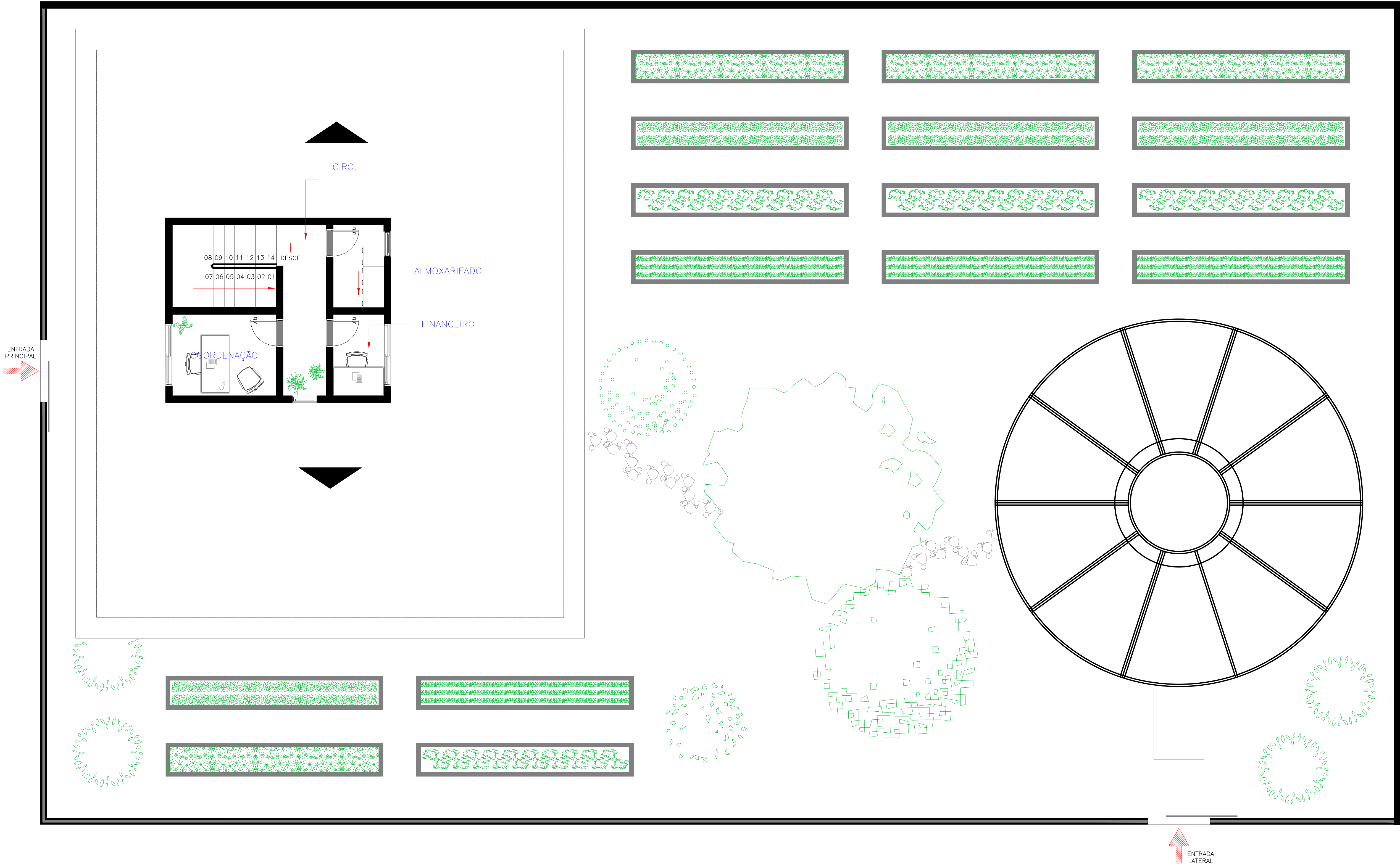
ESCALA 1:50

CLIENTE:	ESPAÇO ERVA VIDA	FOLHA:	02/09
PROJETO:	ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO ERVA VIDA	REVISÃO:	R04
	RUA OSVALDO CRUZ, Nº 28, BARRIO DO BOSQUE, LAMARANHA / PARÁ, CEP 68762-000	DATA:	15/01/2021
ASSUNTO:	PRÉ PROJETO	DESENHO:	LUCAS AYRTON PENAFORTE
	LEVANTAMENTO MÉTRICO PAVIMENTO 01	ESCALA:	1:50
ARQUITETA:	ANA CELIA PENAFORTE CARDOSO - CAUIPA A23079-D		

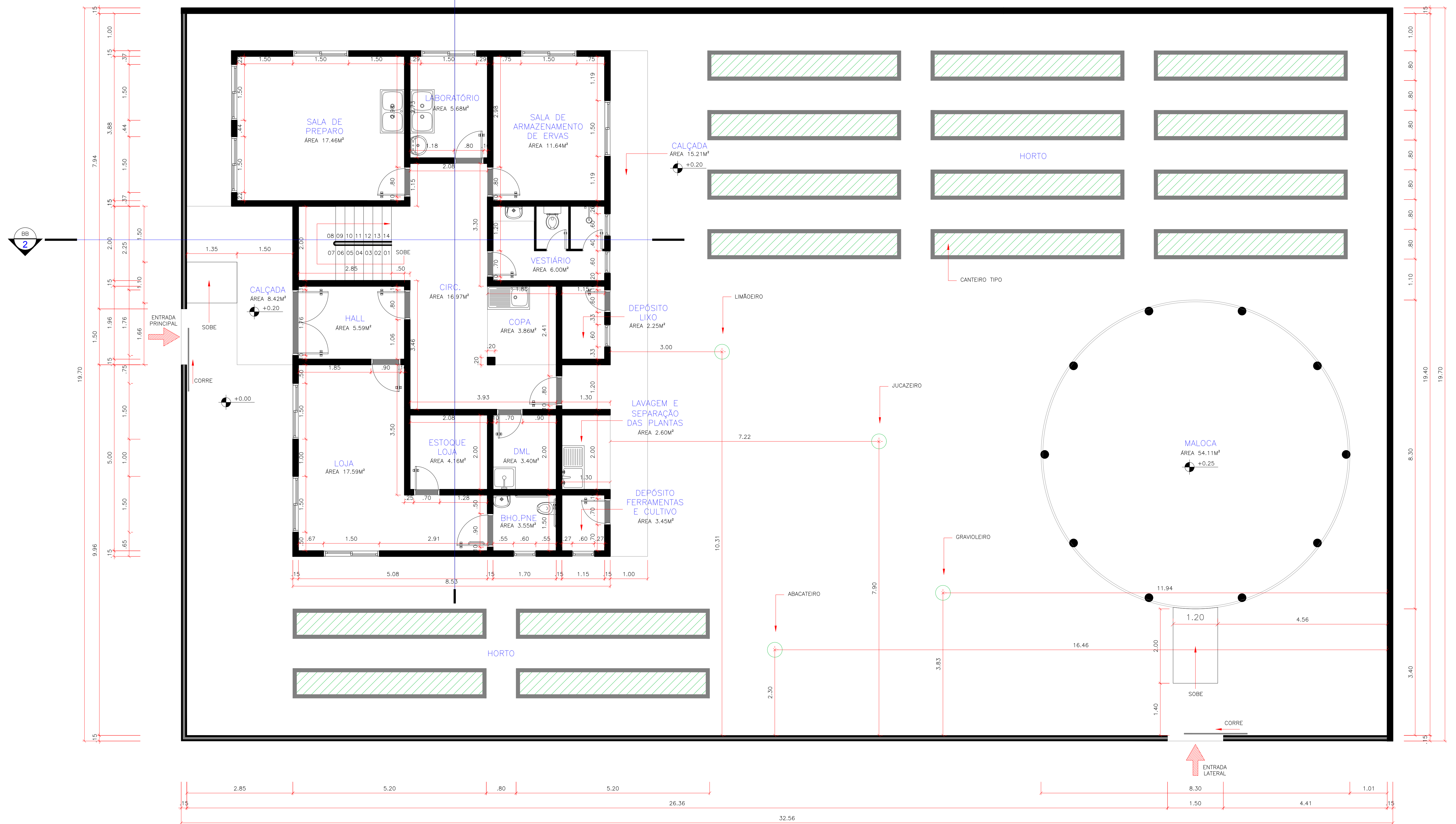
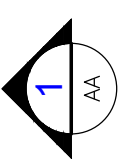


1 LAYOUT - TÉRREO
ESCALA 1:50

CLIENTE:	ESPAÇO ERVA VIDA	FOLHA:	03/09
PROJETO:	ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO ERVA VIDA	REVISÃO:	R04
ASSUNTO:	PROJETO TÉCNICO	DATA:	15/01/2021
ARQUITETA:	ANA CELIA PENAFORTE CARDOSO - CAUIPA A23079-D	DESENHO:	LUCAS AYRTON PENAFORTE
		ESCALA:	1:50



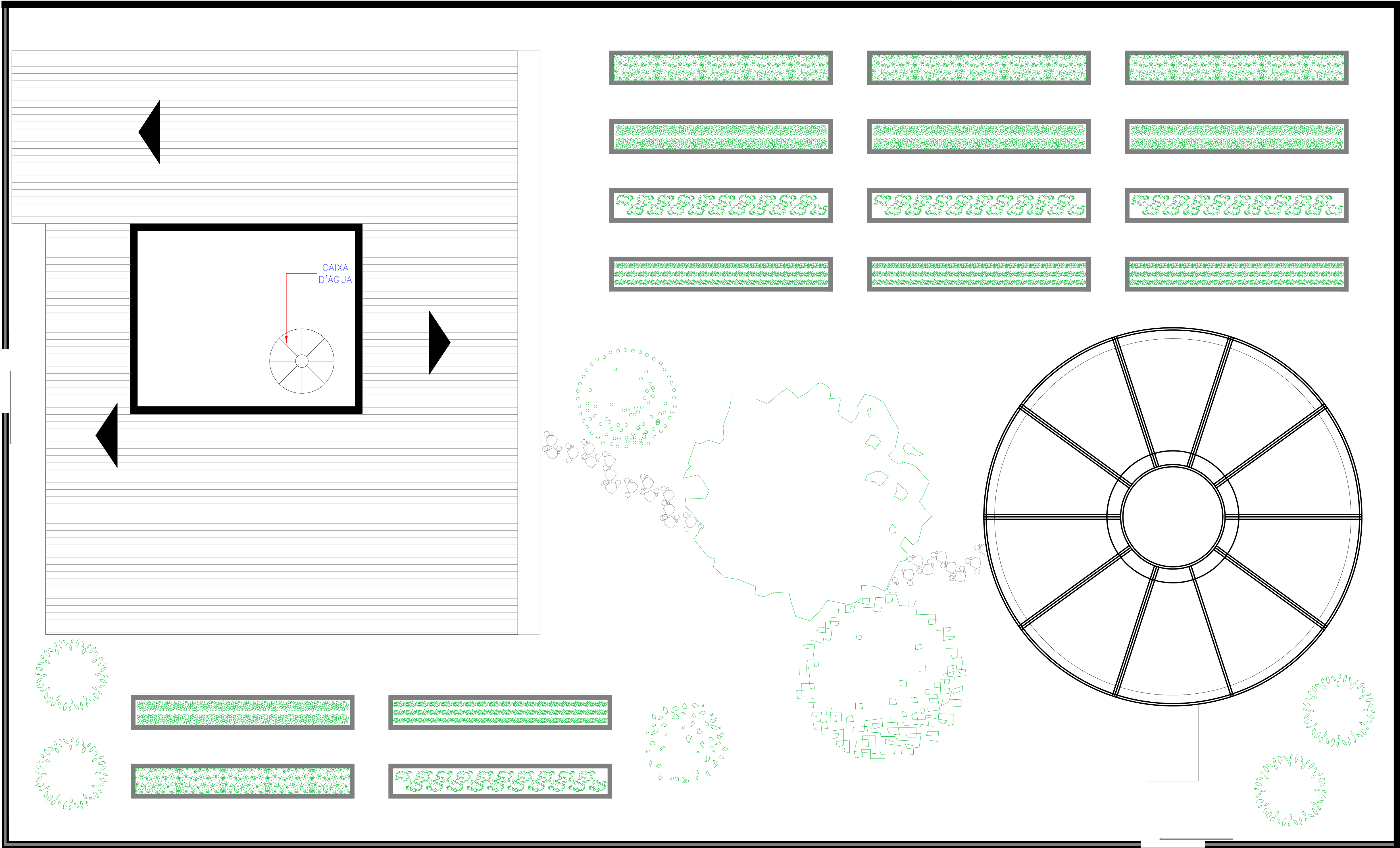
1 LAYOUT - PAVIMENTO 01
ESCALA 1:50



1 PLANTA BAIXA - TÉRREO
ESCALA 1:50

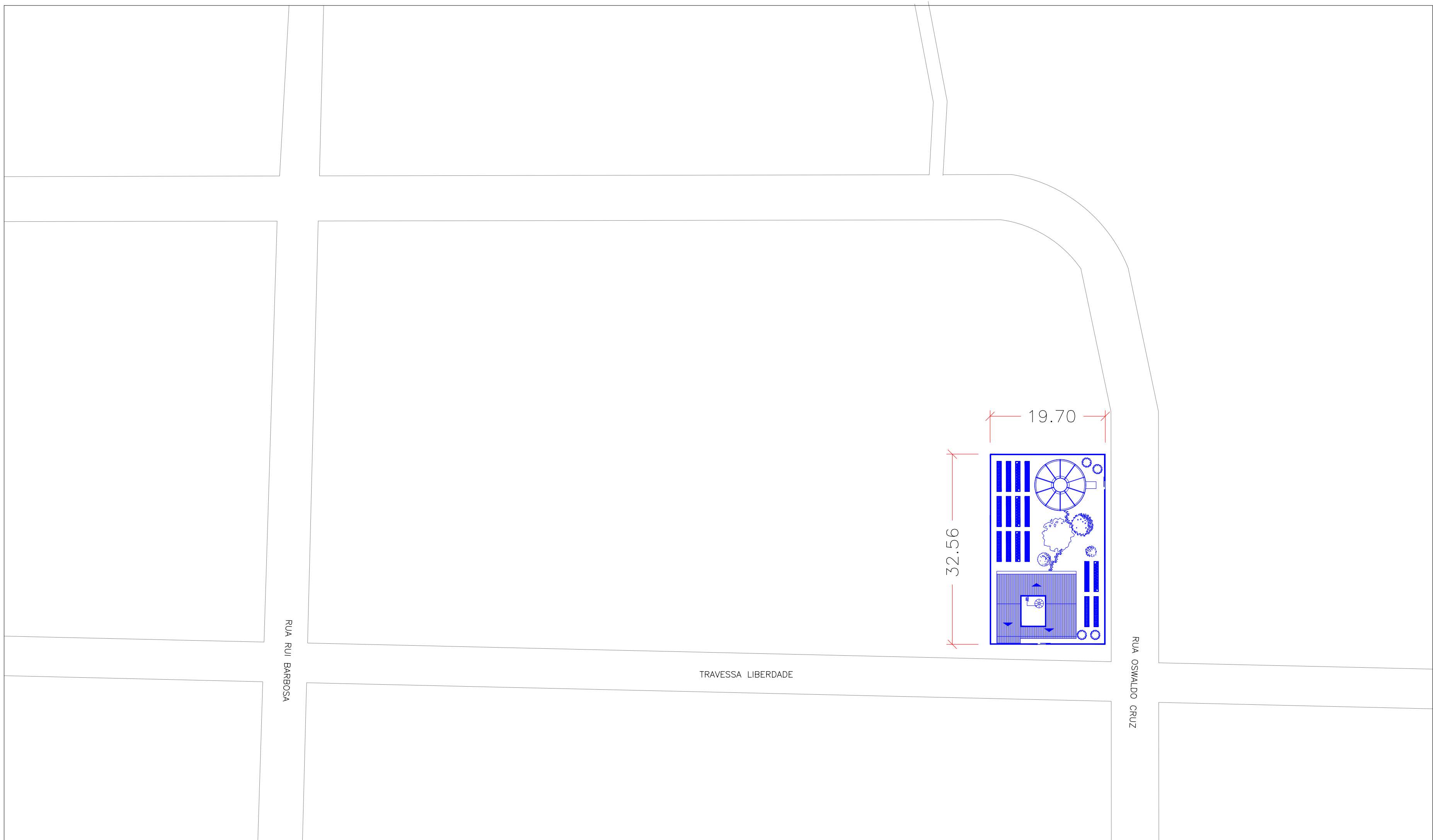
CLIENTE:	ESPAÇO ERVA VIDA	FOLHA:	05/09
PROJETO:	ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO ERVA VIDA	REVISÃO:	R04
ASSUNTO:	PROJETO TÉCNICO	DATA:	15/01/2021
ARQUITETA:	ANA CELIA PENAFORTE CARDOSO - CAUIPA A23079-D	DESENHO:	LUCAS AYRTON PENAFORTE
		ESCALA:	1:50



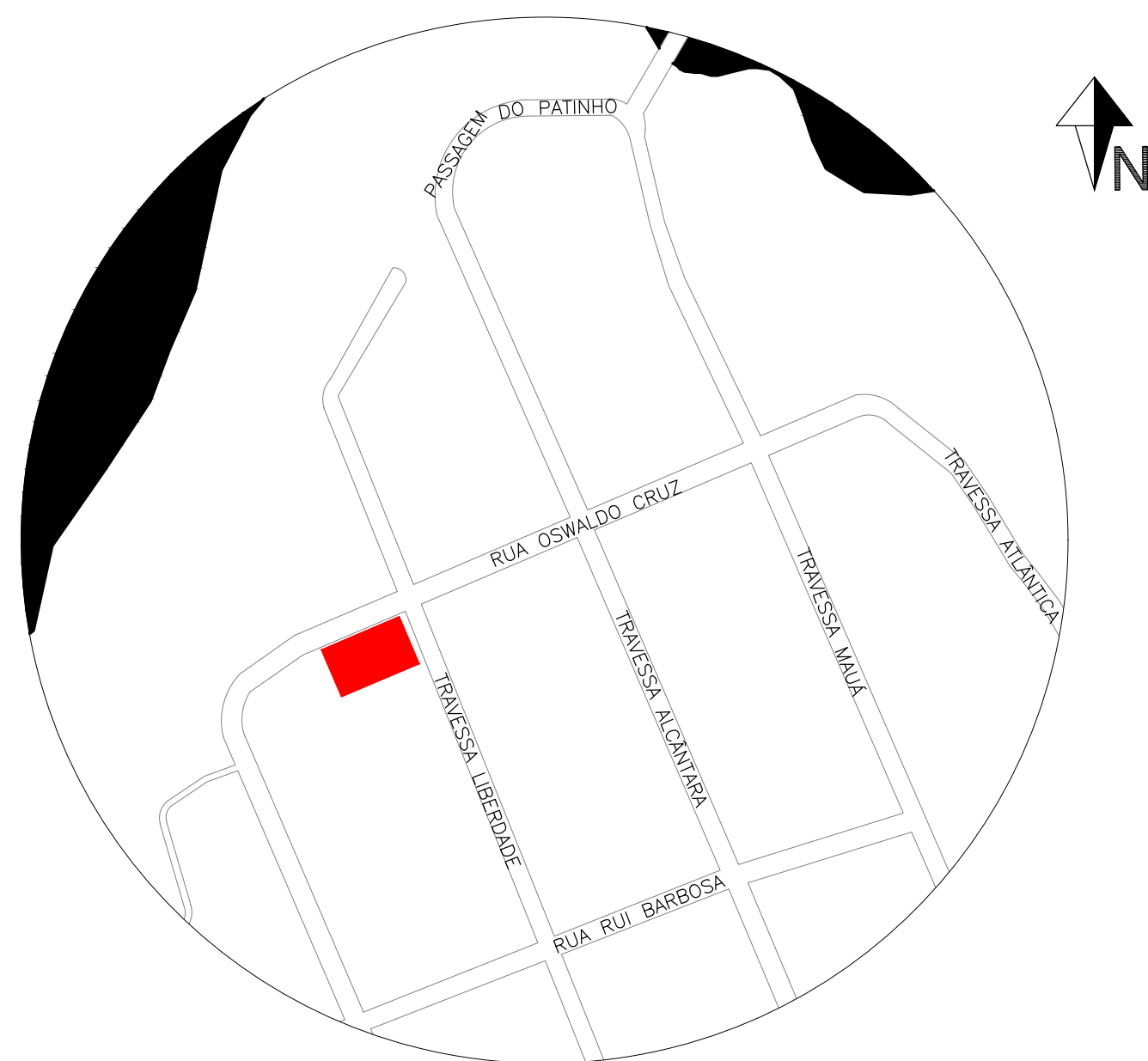


1 PLANTA DE COBERTURA
ESCALA 1:50

CLIENTE:	ESPAÇO ERVA VIDA	FOLHA:	07/09
PROJETO:	ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO ERVA VIDA	REVISÃO:	R04
	RUA OSVALDO CRUZ, Nº 28, BARRIO DO BOSQUE, LAMARIM / PARÁ, CEP 68760-000	DATA:	15/01/2021
ASSUNTO:	PROJETO TÉCNICO		
	PLANTA DE COBERTURA		
ARQUITETA:	ANA CELIA PENAFORTE CARDOSO - CAUIPA A23079-D	DESENHO:	LUCAS AYRTON PENAFORTE
		ESCALA:	1:50

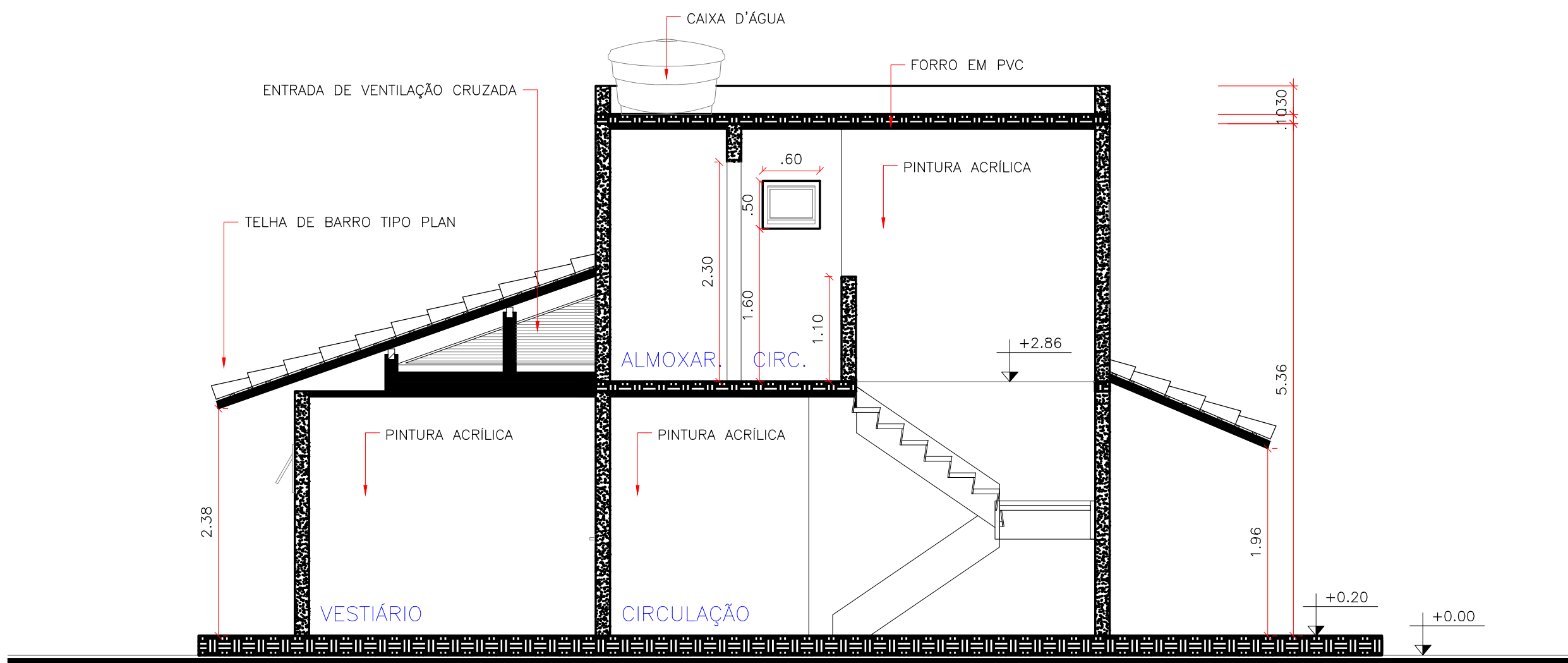


1 PLANTA DE LOCAÇÃO
ESCALA 1:500

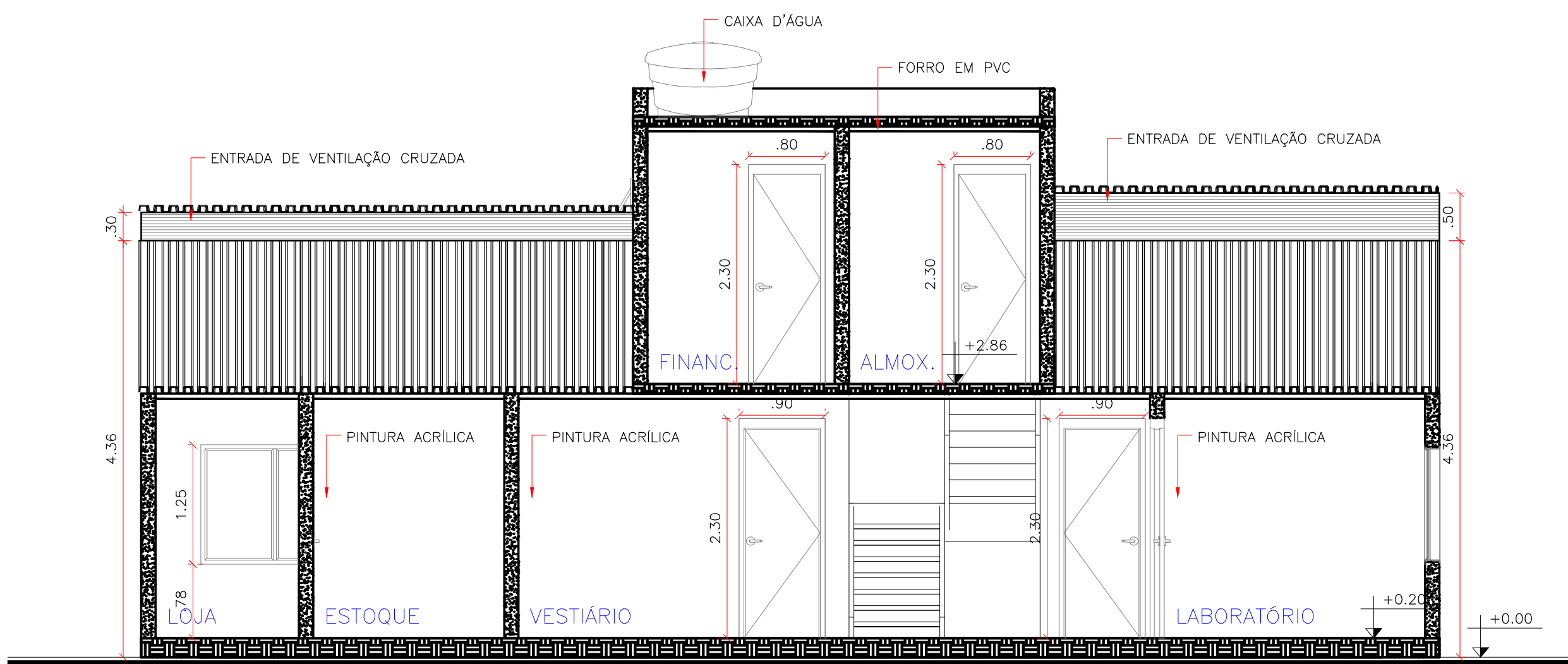


2 PLANTA DE SITUAÇÃO
ESCALA 1:2500

CLIENTE:	ESPAÇO ERVA VIDA	FOLHA:	08/09
PROJETO:	ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO ERVA VIDA	REVISÃO:	R04
	RUA OSWALDO CRUZ, Nº 281, BARRIO DO ROSARIO, MARAPAMA / MARUJÁ / PARA, CEP 68760-000	DATA:	15/01/2021
ASSUNTO:	PROJETO TÉCNICO	DESENHO:	LUCAS AYRTON PENAFORTE
	PLANTA DE SITUAÇÃO E LOCAÇÃO	ESCALA:	INDICADA
ARQUITETA:	ANA CELIA PENAFORTE CARDOSO - CAUIPA A23079-D		



1 CORTE - AA
ESCALA 1:50



2 CORTE - BB
ESCALA 1:50



3 ELEVÇÃO - FACHADA
ESCALA 1:50

CLIENTE:	ESPAÇO ERVA VIDA	FOLHA:	09/09
PROJETO:	ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO ERVA VIDA	REVISÃO:	R04
ASSUNTO:	DETALHAMENTO PROJETUAL	DATA:	15/01/2021
ARQUITETA:	ANA CELIA PENAFORTE CARDOSO - CAUIPA A23079-D	DESENHO:	LUCAS AYRTON PENAFORTE
		ESCALA:	1:50